



SHIFTERS FOREVER
PROTECTION



ELLE THORNE



Portal E-books Exclusives



EQUIPE PEE

Tradução: **Andreia**

Revisão: **Andreia**

Formatação: **Elza Volkov**





Sinopse

O shifter Grant Waters quer a mulher cheia de curvas Chelsea O'Reilly.

Ele a queria desde que se conheceram. Só que ele está preocupado que seu segredo seja muito para ela. Poderia ser o que a põe em funcionamento.

A mulher cheia de curvas é Chelsea O'Reilly trabalha em um salão em Bear Canyon Valley. Ela tem borboletas nos estomago quando Grant está por perto. Mas ela tem sua própria bagagem. Além disso, ela acha que Grant ficaria melhor com uma pessoa local, deslumbrante, cheia de curvas , a recém viuva Mae Forester.

Se você não gosta de sexo quente, você pode querer passar este livro.

Se estranhamente, a conversa sexual suja e desagradável incomoda você, sim, com certeza você deve passar esse livro.

Acreditamos no sexo quente, sujo e delicioso.

Sim, que faça você também suar. Não é apenas sexo, tem sobre o romance também.

Mas o bom romance tem relações sexuais, e nós mantemos as portas abertas! Ah, e as luzes acesas! ;)

Capítulo 1

Grant acelerou o ritmo. Não que ele estivesse ansioso para ver Chelsea. OK, sim ele estava. Ele a vira a cada três semanas durante dois meses. Ele a vira desde que ela se mudou para a cidade. A nível profissional, é claro.

Só. Não que ele não gostasse de vê-la com mais frequência. E ver mais dela.

Droga, o pensamento disso fez seu pau se contrair. Ele deveria controlar isso antes de entrar no salão onde ela trabalhava. A última coisa que ele precisava era assustá-la com um pau duro. Um olhar para o relógio confirmou que sua marcação ocorria em cinco minutos. Tomou uma respiração profunda do ar fresco do inverno, depois deixou escapar lentamente e tentou pensar em qualquer coisa que pudesse diminuir sua excitação.

Boa sorte com isso. Podia entrar e vê-la. E cortar o cabelo dele. Ele clicou no controle remoto, trancando a porta em sua picape, passou os dedos pelo cabelo que realmente não precisava de um corte ainda. E nunca realmente precisava de um corte quando ele programava as suas marcações. E mesmo assim. A cada três semanas, como um relógio ele estava lá.

— Grant.— Ele se virou para a voz. Mae, a proprietária do salão, chamou seu nome.

Ela também estava indo para o salão. — Não esta trabalhando hoje?—

— Precisava pegar um par de suprimentos.— Ela levantou uma caixa volumosa de uma polegada ou duas e então a colocou contra seu torso novamente.



– Deixe-me ajudá-la com isso.– Ele pisou seu caminho e aliviou-a do peso.

Ela olhou para os cabelos dele, inclinou a cabeça, e um pequeno sorriso tocou em seus lábios. – Já é hora de outro corte?–

Ele acenou com a cabeça e esperou por suas provocações. Ela gostava de pegar com ele por ter vindo tantas vezes.

– Estava no calendário.– Como se ele não tivesse colocado lá.

– Quando você vai convidá-la para sair? Você vai economizar muito dinheiro em cortes de cabelo.–

– Você quer que eu economize dinheiro em cortes de cabelo? Parece que isso cortaria a sua renda.–

– E isso me preocuparia?–

Ele sabia que a renda não importava para Mae. Ela estava bem financeiramente. Definida para a vida, como ela tinha dito a ele quando ele perguntou a ela se ela estaria bem depois que ela perdeu seu marido. Possuir o salão de beleza lhe permitiu perseguir seus outros interesses.

Ajudar os outros.

Ele exalou, observando sua respiração no ar frio. – Talvez hoje seja o dia. Eu não tenho certeza se ela está tão interessada ...– Ele deslocou a caixa para uma mão e abriu a porta para o salão com a outra.

– Você tem dúvidas? Você?–

– Não é impossível acreditar, não é?– Ele balançou a cabeça para a romântica e casamenteira desesperada que Mae era, e ficou de lado para que ela pudesse preceder em sua loja.

Seu tipo acasalava para a vida. E a vida para sua espécie significava para sempre. Não era pouca coisa pedir a um ser humano para se comprometer com uma vida com um shifter - para sempre.

Mae não era estranha a isso. Ela perdeu seu marido shifter muitas centenas de anos atrás, e nunca tinha tomado outro.



Chelsea olhou para o relógio pela quinquagésima vez desde as 10:00 da manhã. Sua marcação era às 11:00, em três minutos.

Três minutos! Um rubor quente percorreu seu corpo, uma onda de excitação por vê-lo novamente. Ela olhou no espelho, tirando sua blusa. Ela não precisava dela acentuando suas curvas extras. Ela certamente não precisava dela acrescentando mais quilos.

Ela se virou, olhou para seu traseiro no espelho. Jesus, o que ela não daria para ter uma bunda menor. Ela deu um olhar invejoso para a cabeleireira na próxima estação. Provavelmente um tamanho 2. Então ela olhou de volta para seu próprio amplo traseiro. Ele nunca daria a ela um segundo olhar.

No entanto, ele era meio que flertante ... então talvez? Ou talvez ele esteja sendo simpático com sua cabeleireira. Ela prontamente se colocou de volta no lugar. *Não fique com suas esperanças.*

– Seu regular deve estar aqui em alguns minutos, certo?– Disse Lana, o tamanho 2 ao lado do Chelsea.

As bochechas de Chelsea se aqueceram. Ela deu uma espiada no espelho. Sim, essa cor vermelha embaraçosa que estava rastejando seu caminho até o peito dela para o rosto.

Por todo os seus 1.80, ombros largos, e penetrante olhos azuis dele. – Eu não tenho certeza.– *Claro que você não tem. Ok, sem esperança.* Claro que ela estava ansiosa para vê-lo. Tinha desde o primeiro corte de cabelo que ela lhe dera, uma semana depois que ela tomou esse emprego, o que parecia ser há séculos.

O som da porta abrindo e fechando trouxe de volta ao presente. Ela ocupou-se com as tesouras, secadores e escovas em sua estação, fingindo que ela não estava esperando ou ansiosa para vê-lo.



Capítulo 2

Grant colocou a caixa no balcão da recepção e fechou a porta atrás dele, tentando não ser muito alto e chamar a atenção para si mesmo. – Vejo você mais tarde, Srta. Mae. – Ele deu um bom sorriso a sua boa amiga e se dirigiu à estação de Chelsea.

Mae lhe deu um sorriso coquete. Parecia gostar que ele a chamasse de Srta. Mae, embora ela não parecesse um dia mais de trinta e poucos anos. Ele esperava escapar do flagrante flerte de Lana antes que ele estivesse em Chelsea.

Uau! Santa mãe de bundas firmes. A primeira coisa que viu foi o traseiro de Chelsea quando ela se inclinou e arranhou coisas em sua estação. Ele fez uma pausa, tomando seu tempo para desfrutar da vista. Pelos céus acima, essa era uma visão tentadora. O idiota em suas calças concordou com essa avaliação.

Chelsea girou ao redor. – Grant. – Sua voz estava ofegante e baixa.

Ele desejou que fosse porque ele tinha entrado. Ele desejou que fosse por causa dele. Provavelmente só porque estava inclinada e tinha se levantado muito depressa.

Seu sorriso mostrava perfeitos dentes brancos. Imaginou aqueles dentes roçando em sua pele.

Ainda sorrindo, ela disse: – Hoje é o seu dia. Parece que ontem você estava aqui. –

Esperava que isso não significasse que ela estava desapontada ao vê-lo. Ele gostava do tempo que passavam juntos enquanto ela lavava o cabelo, massageando o couro cabeludo e falando sobre coisas diferentes. Felizmente, a roupa que ela colocaria sobre ele ocultava o efeito que ela tinha sobre ele. Mais ou menos. Provavelmente menos.



Mas entre aquele roupão e suas calças ele sempre conseguia esconder a barraca que ele lançava para ela enquanto suas mãos trabalhavam através de seus cabelos, e sua voz suave com aquele sotaque sexy puxado nele.

– Grant!– O grito de Lana interrompeu a serenidade do salão. Ela empurrou seu caminho, prendendo-o em um abraço, seu corpo empurrando contra ele.

Ele notou a expressão de Chelsea e rapidamente se puxou do alcance de Lana. – Olá, Lana. Desculpe, acho que estou atrasado para minha marcação com o Chelsea.–

– Quando você vai me deixar cuidar de seus cabelos ... e de suas outras necessidades?– A mão de Lana deslizou por cima de sua virilha quando ele se afastou.

Ele lançou um olhar para Chelsea, esperando que ela não tivesse visto isso, e ainda mais, esperando que ela soubesse que ele estava desinteressado em Lana. Ele tinha que deixar claro para Lana que se afastasse, parecia. – Eu estou bem. Obrigado. – Ele manteve a voz fria, mas teve que tirar a outra mão de seu bíceps.

Caminhou até Chelsea. – Nenhum abraço para mim?–

– Eu me perguntei se você já tinha recebido seu lote diário.– Um sorriso esperto cruzou seu rosto antes de ela se virar e pegar o roupão.

Isso é o que ele amava sobre ela - seu senso de humor. E sua impressionante personalidade. Bem, havia mais algumas coisas. Sua bunda bonita, seus quadris, um conjunto de mamas que encheriam suas mãos e transbordariam, mamilos que ele não podia deixar de notar.

– Não quando se trata do seu.– Ele deu a ela uma piscadela e tomou um assento desde que ela virou para o robe negado um abraço.

Ela colocou sobre ele, envolvendo-o em seu pescoço. – Eu preciso pegar um que é maior, então eu posso realmente fechá-lo em torno de seu pescoço.–



– Você tem dito isso há alguns meses. Estou começando a pensar que é tudo conversa.–

Ela riu e colocou as mãos em seu pescoço, seus polegares e pontas dos dedos subindo até seu couro cabeludo, suas unhas raspando sua pele, suas almofadas de polegar massageando. – Você sabe que você realmente não precisa de um corte de cabelo ainda. Não sei por que você corta o cabelo com tanta frequência.– Seus olhos cintilavam, chocolate escuro contra sua pele clara.

– Mesmo? Não há nenhum indício?– Era tempo de parar de bater ao redor do arbusto, como Mae tinha indicado.

O rubor que corava as bochechas de Chelsea fez seus olhos brilhar e alimentou seu desejo de ver o quanto seu corpo ficaria corado. Ela também afirmou que ela estava pelo menos um pouco interessada, talvez. Ele respirou profundamente. Os sentidos de seu urso absorveram seu cheiro, sua excitação e desejo. Seus olhos fechados, em parte em resposta à necessidade feroz de acasalar com ela que derramou seu corpo. Seu urso procurou assumir o controle da situação e reivindicá-la, torná-la sua, marcá-la para a vida.

– Então, o que você diz?– Ele lutou para manter o desejo de mostrar em sua voz.

– Para quê?– Ela passou os dedos pelos cabelos dele novamente. – Vamos às cadeiras, lavar este cabelo, então vamos ver se eu posso te dar uma guarnição.–

Ele a seguiu até as traseiras, lutando para manter seu urso de olhar para seu traseiro gostoso enquanto balançava, imaginando como seria golpeá-la com a palma da mão enquanto dirigia profundamente dentro dela. Pelo o amor de merda, ele tinha que te-la. Este tempo era pior do que qualquer outro.

Ele mordiscou um rugido de desejo à imagem de tomá-la por trás, aqueles luxuriosos globolos cremosos apertando contra sua carne enquanto ele a bombeava e batia naquela bunda.

– Grant?– Ela se virou para encará-lo.



Ele tinha perdido algo que ela disse. Droga. – Sim?–

– Não importa.–

– Não, o quê?– Ele segurou sua mão, impedindo-a de virar e o levar para trás.

– Oh, eu só estava te pedindo para terminar o seu pensamento de antes.–

Se ela soubesse quantos pensamentos ele tinha tido ... E como era lascivo ... Ele sabia o que ela queria dizer. – Eu estava perguntando o que você diria para a idéia de talvez jantar. Poderíamos nos dirigir para a cidade, não para esta cidade ...– Ele riu porque a cidade em que estavam não poderia ser chamada disso. – ... e nós podemos fazer algo?–

Ela inclinou a cabeça. – Alguma coisa?– Sua voz tinha um pouco de brincadeira. Ela indicou a cadeira. Ele se esparramou dentro dela, o aparelho mal contendo sua grande moldura.

Atrás de sua cabeça, ela ligou a água e pulverizou seus cabelos com o calor.

Ela se inclinou sobre ele, procurando o xampu. Seus lusos seios estavam a uma língua longe de sua boca.

Se ela não tivesse roupa. Se estivessem sozinhos ...

Ele podia reivindicar os mamilos que estavam cutucando para fora de sua parte superior, sua dureza mal escondida pelo tecido, seu contorno e forma tentando seus sentidos, trazendo o urso nele a uma fúria para um gosto.

Cem anos atrás, duzentos anos atrás, as coisas teriam sido diferentes. Isso foi antes de ele ter encontrado uma companheira que ele queria - Chelsea. Era quando ele teria encontrado um lugar disposto, úmido e quente para levar sua espessura para dentro.



Capítulo 3

Chelsea inclinou-se e tentou obter um pouco do xampu na sua palma da mão sem esfregar os seios em seu rosto. Havia momentos em que ela odiava ter mamas tão grandes. Ela não tinha certeza se era uma dessas vezes. Ela prendeu a respiração. O apelo sexual desse homem era demais.

– Chelz?–

Ela adorava quando ele lhe deu esse apelido. Ela nunca foi chamada antes.

Ela exalou lentamente e olhou em seus profundos olhos azuis, lutando contra o desejo de se inclinar e beijá-lo. Sabendo que ela nunca cederia a esse desejo. – Sim, Grant?–

– Um, você tem um ... você perdeu ... ele meio que ...– Ele ergueu sua mão, quase tocando seu peito.

A mortificação a encheu. O shampoo tinha esguichado direito em seu peito. Exatamente sobre seu mamilo. E ela tinha estado tão focada nele que nem tinha notado.

Ela correu o polegar sobre ele, envergonhada que seu mamilo ficou tenso sob seu toque e seu olhar penetrante. Ela deu a ele um sorriso tímido. – Obrigado.– Por notar. Parou o devaneio. – Por me contar.–

Divertimento e algo mais cintilavam em seus olhos. – Você não disse que sim.– Ele lembrou-lhe que ela não tinha respondido a sua pergunta sobre sair.

Ele estava tendo piedade dela porque ela não tinha uma vida? Porque tudo que ela fazia era se sentar em casa depois do trabalho, e ler essas histórias sobre montanhesees quentes reivindicando suas



mulheres dispostas? Sobre homens-lobo tomando uma noiva e fazendo dela um dos seus?

Ela o enxugou e um rubor subiu até suas bochechas ao pensar na história que estava lendo. Um livro sobre uma garota como ela que se apaixonou por um alienígena sexy que estava lá para raptá-la. Exceto que o alienígena se apaixonou por ela e em vez de roubá-la para as más intenções do seu povo, ele fugiu com ela e começou uma nova vida.

Ela suspirou sem perceber em primeiro lugar e enxaguou o shampoo. Claro que ela não diria não a Grant. Mesmo que suas razões ao perguntar não fossem necessariamente as mesmas para aceitar. Ela poderia ter um amigo na cidade, além de sua chefe Mae.

Mae continuou dizendo que se ela tivesse um carro melhor, ela poderia ir para a cidade. Era a apenas uma hora, e ela podia fazer amigos de sua idade, ter encontros e coisas assim. Mae não sabia que o Chelsea usava seu carro como desculpa porque Chelsea não queria realmente nenhuma dessas coisas. Ela evitava áreas de alta população. E ela não queria outro homem senão Grant. O único homem que ela queria desde a primeira vez que o viu. Fale sobre como definir suas vistas muito altas. Ah bem.

– Eu vou com você.– Chelsea estendeu a mão para o condicionador, cuidadosa para não obter qualquer em si mesma, com cuidado para não esfregar seus seios em seu rosto.

Seu rosto se iluminou com um sorriso que mostrava perfeitos dentes brancos e a fazia pensar no que poderia fazer com aqueles dentes - e aquela boca. Seu rosto se aqueceu mais uma vez. Ela realmente estava em uma seca sexual. Se ela não estivesse de cabeça para baixo, teria encontrado uma maneira de aliviar a seca.

Ela levantou o fluxo de água, enxaguando o condicionador. Tapou a cabeça com uma toalha. Porque ele mantinha seu cabelo curto e uma toalha para secar era uma coisa realmente fácil.

Ela conduziu o caminho para sua cadeira. Ter conversa fiada era limitado porque com a proximidade de Lana e a sua inclinação



constante em sua direção significava que não havia privacidade. Chelsea embrulhou seu corte de cabelo, um trabalho de cinco minutos que ela esticou em quinze apenas para que ela pudesse manter as mãos sobre ele, mesmo que fosse apenas em sua cabeça.

– Deixe-me secar isso? Está frio lá fora. Você não quer sair e pegar um resfriado.–



Capítulo 4

Grant riu. – Eu não sabia que você era supersticiosa. Resfriados são causados por vírus, não pela temperatura. –

– Isso não é superstição.– Chelsea sorriu de volta. – Então você acredita em coisas que você não pode ver?–

Mae levantou os olhos da mesa da recepção. Ele sabia que podia ouvi-la. Ela deu-lhe um olhar como se para questionando qual era a razão dessa pergunta, como se questionasse sua sabedoria.

Ele balançou a cabeça, um tremor, quase imperceptível, e voltou-se para a mulher deliciosa, cheia de curvas , com cabelos castanhos claros ao lado dele. – Bem, Chelz?–

– Eu acredito em muitas coisas.– Seu sorriso mantinha um segredo. Ele esperava que ele tivesse a chance de aprender.

– Que tal sexta-feira às sete? Eu vou buscá-la em sua casa.– Ele não precisava perguntar onde ela estava. Ela alugou um quarto de Mae.

O salão ficou em silêncio. Todos se voltaram para a porta. Grant olhou para ver o que tinha atraído sua atenção.

Jeff.

Ele se eriçou. O instinto de recorrer à violência cresceu em seu urso.

Um cheiro de medo foi transferido de Chelsea. Claramente ela não se importava com o empreendimento. Ele podia entender a aversão, mas por que ela estava transmitindo medo? Por que ela estava com medo dele?

Jeff deixou a porta fechar com um slam, ignorou a saudação de Mae e caminhou em linha reta para a estação de Chelsea. – Espero não chegar atrasado.– A voz dele tinha uma arrogância.



Ele olhou para Grant, olhos trancados com ele. – Você deu á minha oferta qualquer consideração? Você tem muito mais terra do que você precisa. A comunidade beneficiaria de uma parte do divertimento Bear Canyon Valley. Você é o único a manter esta comunidade de seu sonho próspero.–

Grant lutou contra o riso que se erguia em sua garganta. O único que pensou que esta comunidade precisava de um parque de diversões para matar a sua tranquilidade e fugir de seus moradores era Jeff Landers.

– Eu acho que vou manter minha terra.– Grant caminhou ao lado do homem, observando que ele estava de tal forma que Grant tinha que fazer uma tentativa concertada de andar em torno dele, ou ele correria para ele.

Grant optou por este último e bateu ombros com ele.

Jeff não era desajeitado, provavelmente alcançando os 1.70, mas ele estremeceu quando Grant deu um tapa no ombro dele. Ele se voltou para o Chelsea. – Espero que você tenha uma abertura. Eu não fiz uma reserva.–

Mae limpou a garganta por trás deles. – Você realmente deveria ter marcado uma reserva.–

– Desde quando eu preciso de uma?– Jeff olhou pela a cabeça de Mae para Grant, seus olhos brilhando seu desafio e insolência. – Então eu pego meu corte de cabelo, ou não?– Ele olhou para eles, então suavizou seu olhar quando aterrisou em Chelsea.

Grant deu a Mae um olhar aguçado. Ela balançou a cabeça ligeiramente. Muito ruim, porque ele teria gostado de ter permissão para levar a impertinência e petulância de Jeff para fora e lhe ensinar uma lição.

– Vou cuidar disso.– Mae pegou o bíceps de Grant e guiou-o para a porta.



Atrás deles, Chelsea estava dizendo, – Claro, eu posso te ajudar, Jeff.– Sua voz era baixa e forçada, bem como seu sorriso.

Grant acenou para ela. – Vejo você na sexta-feira.–



Capítulo 5

Chelsea encolheu-se. O que Grant disse em voz alta fez Jeff estreitar os olhos.

Ela não queria ajudar o rico desenvolvedor. Ela podia dizer que ele tinha uma raia cruel, e ele tinha fixado sua visão sobre ela. Por que isso, ela não tinha idéia. Talvez fosse para deixar Lana com ciúmes. Eles costumavam namorar. Provavelmente era isso. De qualquer maneira, ele dava uma gorjeta de cem dólares toda vez que visitava, e ela queria colocá-lo na cadeira antes que o temperamento de Mae brilhasse. Mae não fez nenhum segredo que ela não se importava com Jeff.

Você acha que ele iria aprender a lição e ir para a cidade para seus cortes de cabelo. Ele trabalhava na cidade, então por que ele veio aqui ... Provavelmente para deixar Lana com ciúmes. Chelsea apostou que ela estava certa para começar.

Perguntou-se por que as marcações de Jeff sempre conseguiam coincidir com os de Grant. Até mesmo os passeios de Jeff coincidiam com o de Grant. Os olhares predatórios de Jeff e seus toques familiares em seus braços, pescoço e ombros a faziam se encolher por dentro. Ela lutou para manter Mae de ver quão revoltante ela achava os seus avanços. Ele lembrou-lhe de um homem que ela gostaria de deixar no passado para sempre. Um homem com uma raia cruel verdadeiramente horrível.

Com a expressão severa, Jeff sentou-se no banco. – O que é isso sobre sexta-feira?–

– Nada.– murmurou Chelsea. Dizer-lhe alguma coisa não serviria para nada. Ela não gostava de jogar esses jogos e não ia virar os homens uns contra os outros. E nem sequer estava remotamente interessada em Jeff.



Ela fez um trabalho rápido de lavar, enxaguar e cortar o cabelo. Ela não se ofereceu para secar, mas ele pediu uma secagem. Ela olhou para Mae. Mae assentiu. Assim ela obedeceu, e fez isto alegremente, embora meio-forçada. Evidentemente, a parte alegre era falsificada.

Hoje era quarta-feira. Amanhã era seu dia adiantado. Ela poderia ir para a cidade para comprar uma roupa nova para seu encontro com Grant na sexta-feira. Isso seria legal. Ela se perguntou se ela poderia encontrar algo que iria acentuar as curvas certas, e esconder as erradas. Ela olhou para Lana enquanto tirava a blusa de Jeff. A figura esguia de Lana era um espelho que refletia as indulgências de Chelsea em prazeres culpados, particularmente chocolate escuro. Ela olhou para longe de Lana e olhou para Jeff. – Obrigado, Jeff. Vejo você na próxima vez.–

– Diga-me, Chelsea?– Sua voz era alta. Muito alta. Isso a deixou desconfortável. – O que você diria sobre sair comigo?–

Chelsea olhou para Mae. Os olhos de Mae se estreitaram em suas palavras.

– Eu não acho que seria uma boa idéia, Jeff.– Chelsea esfregou as palmas das mãos em seus jeans apertados, sem saber que ela estava transmitindo seu nervosismo. – Eu agradeço, entretanto. Estou lisonjeada.– Não exatamente, já que ela não confiava nele, e algo sobre ele a deixava muito nervosa. Além disso, estava claro que ele e Grant não se davam bem. Jeff estava fazendo isso para chegar a Grant?

A mandíbula de Jeff apertou-se, e seus nós dos dedos agarraram o corrimão no caminho para a recepção. – Gostaria que você reconsiderasse.– disse ele, com as mandíbulas cerradas.

– Posso pensar nisso?– Ela esperava que isso o apaziguasse, fizesse ele parar, talvez até fosse embora.

– O que há pensar? Um despedimento, porque arruinou um cabeleireiro por ter recusado um homem bem sucedido como eu? Você sabe quem eu sou?–



Chelsea não queria olhar para Mae, temendo que Mae estava chateada com o drama.

Ela tinha sido tão gentil para dar Chelsea um trabalho aqui. Chelsea não queria ser responsável por uma cena no local de trabalho de sua amiga. – Por favor, Jeff, abaixe sua voz. Eu sinto muito. Eu não queria aborrecê-la. Claro. Sábado?–

– Inferno, não.– Sua voz era um silvo nasal, ofendido. – De jeito nenhum. Eu não quero seus segundos. Esta noite. Vou buscá-la no momento do fechamento.–

– Vai ser tarde, e eu não terei tempo para me mudar. Talvez outro ...–

– Eu estarei aqui esta noite. Você parece bem.– Ele girou sobre seu calcanhar, jogou uma nota no balcão, e com um apressado.– Se mantenha assim.– ele saiu furioso.

Chelsea olhou para ele, horrorizada. O que agora? Ela se colocara em uma má posição. Ela não queria nada com ele. E ela não confiava nele. E queria vingar-se de Grant. E gostava de Grant. Ok, ok, ela realmente gostava do Grant.

Chelsea suspirou. Sentindo os olhos nela, ela se virou, pegando o olhar apertado e estreitado de Mae. Chelsea fez uma careta com a expressão no rosto de Mae.

– Sinto muito ...– ela começou a explicar, para dizer a Mae que ela não queria drama. Ela não queria trazer problemas para Mae e não os queria em sua própria vida. Ela tinha tido o suficiente de drama e os estava evitando a todo custo agora. Ela os evitava tanto quanto evitava a atenção de estranhos e da lei.

– Você não deveria ter feito isso.– A voz de Mae era amarga.

– Eu não queria perturbá-lo. Eu sei, eu deveria ter aceitado a primeira vez que ele perguntou, eu ...–



– Você não deveria ter feito tal coisa. Isso não é o que eu quis dizer.— Mae passou o braço por Chelsea. – Você não é obrigada a sair com ninguém, se eles são clientela ou não.—

Um soluço subiu na garganta de Chelsea pela bondade da mulher. Ela não tinha sentido esse tipo de aceitação desde ... Ela não conseguia se lembrar da última vez.



Capítulo 6

O resto da tarde passou sem incidentes. Estava quase na hora de fechar, e já estava escuro.

Mae limpou a garganta.

Chelsea olhou para ela, imaginando o que ia dizer, esperando que Mae não tivesse mudado de idéia e não lhe dissesse que não precisava de nenhum drama com sua clientela e que o Chelsea teria que ir embora.

– Quero que você se sinta livre para cancelar com Jeff e Grant.–

– Oh, não!– A reação de Chelsea foi rápida, pegando ela desprevenida. – Quero dizer ... bem, eu ...– *Cuspa fora*, ela disse a si mesma. Não é fácil dizer isso em voz alta. Queria sair com Grant. Ela queria muito mais do que isso. Ela pensou em seu corpo duro, seu peito largo e ombros expansivos. Um calor inundou seu corpo, começando em seu peito, aumentando para suas bochechas. Como ela odiava que o rubor fosse tão fácil.

Talvez essa fosse a maneira de Mae de dizer que ela não queria que o Chelsea saísse com nenhum dos dois. Pelo que Chelsea sabia, Mae gostava de Grant dessa maneira. E ela não queria interferir com isso.

De qualquer forma, ela olhou para a outra mulher. Mae era uma mulher deslumbrante, cheia de curvas com os olhos piscando, quase pretos e uma cor de cabelo que parecia a tendência do último ano. Chelsea não pensou que sua coloração cor-de-rosa pálida poderia competir com a tez vívida de Mae e características.

Talvez Grant estivesse pedindo a mulher errada para sair, e Chelsea deve voltar para fora graciosamente e deixar seu namoro com



Mae seguir seu curso. Mas ... como ela lidaria com isso? Como poderia lidar com Grant e Mae?

– Chelsea?– Mae estava acariciando seu ombro. – O que você estava dizendo? Você ia dizer alguma coisa?–

Uma onda de tristeza e relutância caiu sobre Chelsea. Ela balançou a cabeça, resignada ao que tinha que fazer. – Não. Nada. Eu estava apenas concordando com você. Não devo namorar a sua clientela. É um mau negócio. Desculpe.– Ela olhou para o chão de azulejos pretos, cheio de cabelos cortados. – Eu deveria varrer.–

Chelsea não olhou para a outra mulher. Ela escorregou para o quarto dos fundos, supostamente para a vassoura, mas principalmente para permitir-se recuperar a compostura. Ela não queria que ninguém visse o quanto estava chateada.

Tanto para a viagem de compras para usar algo em seu encontro com Grant. Ela suspirou, o som mais parecido com um ar esfarrapado rasgado de seu corpo. Talvez ela fizesse o passeio para a cidade amanhã depois do trabalho de qualquer maneira, se tratasse de uma refeição e um pouco de chocolate e até mesmo se arranjasse uma roupa nova. Esquecer todos esses sonhos sobre alguém como Grant se interessando por ela.

Por enquanto, ela tinha que cancelar dois encontros. De alguma forma. Ela deve perguntar Mae por seus números de telefone. Então ela deve ligar para Grant e Jeff e cancelar.

Ela fez um breve trabalho de esfriamento enquanto ela varria o chão. Ela estava tão distraída que não só varreu sua estação e as áreas próximas ao redor, ela varreu toda a loja.

Ela pôs a vassoura para trás e voltou para a sua estação. – Sente-se melhor?– Mae sorriu seu sorriso deslumbrante.

Chelsea assentiu. – Você acha que eu poderia obter números de Grant e Jeff para que eu possa ligar e cancelar?–



– Tem certeza de que é isso que você quer fazer?– Mae deu a ela um olhar de preocupação. Chelsea foi surpreendida pela bondade e paciência da mulher.

Ela assentiu com a cabeça. – Positivo.– Mas ela não se sentia positiva. Ela se sentia como se estivesse em um barco que tinha afundado e tinha mergulhado ela nas profundezas mais profundas do oceano.

– Sabe, se Jeff está incomodando você, podemos chamar a polícia.–

Chelsea ofegou. – Não.–

A cabeça de Mae se ergueu diante do volume do tom de Chelsea. – Ok.– Ela assentiu de forma reconciliadora, como para acalmar Chelsea.

Chelsea não tinha a intenção de ser tão alta. Tinha sido pega de surpresa. Era a última coisa que ela precisava, chamar a polícia. Como ela poderia ficar fora da grade se eles chamassem a polícia e eles viessem para verificá-la? E não haveria um papel ou uma trilha online se alguém olhasse para o seu fundo.

Mae pisou atrás da mesa e tocou o teclado atrás de um monitor. Ela clicou, então clicou novamente. – Bem, nós não temos o número de Grant no arquivo. Você terá que dizer a ele pessoalmente.– Ela pegou um pedaço de papel e uma caneta, escreveu alguma coisa. – Aqui está o Jeff.–

– Obrigado.– Chelsea deu-lhe um enorme abraço. – Estou contente por ter te conhecido.–

– É mútuo.–

– Vocês duas são tão lindamente sentimentais.– A voz ofegante de Lana veio de trás delas.

Um som de desgosto, quase um pequeno rosnado, veio de Mae. Chelsea estudou Mae. Ela não gostava de Lana? Por que a tinha contratado, e por que a manteve, se não o fez?



Chelsea deslizou para o telefone na parte de trás para chamar Jeff em privado. Ela não queria que Mae ouvisse aquela conversa. Ela bateu os números no computador de mão e colocou-o em sua orelha.

Isso lhe deu o som – desconectado– . Ótimo, apenas ótimo. Ela tentou novamente. A mesma coisa. Atire. Então, agora o quê? Ela caminhou até a frente do salão.

Mae levantou os olhos da documentação final. – Você está bem?–

– Um ... sim. Sim, estou bem.– Ela engoliu em seco. – Está tudo bem.– Ela esperava que Mae não pedisse detalhes. Isso significaria mentir para ela e Chelsea já se sentia mal por sua mentira de omissão. Dizer o tipo de coisas que poderia vir a incomoda-la. Ela olhou para longe e ocupou-se com arranjar produtos nas prateleiras e pó.

Ela esperava que Jeff não parasse enquanto Mae ainda estivesse lá. Oh Deus. O que ela faria se ele fizesse?

Mae desligou o computador, guardou o livro e colocou o dinheiro em uma mochila. – Tudo o que tenho a fazer é montar uma ordem de produto para que ela esteja pronta para ligar amanhã de manhã.– Ela esfregou as têmporas. – Longo dia.–

Chelsea aproveitou a oportunidade. – Eu farei isso. Deixe-me. Vou precisar de algo para fazer hoje à noite.– Ela tentou um sorriso alegre. E rezou para que ela pudesse baralhar Mae antes que Jeff aparecesse. Se ele aparecesse. Ela temia que o fizesse, então ela tinha que tirar Mae daqui. Ela pôs o braço em volta da maravilhosa morena e a guiou até a porta.

– Se eu não soubesse melhor, eu pensaria que você estava tentando se livrar de mim.– Mae riu.

Chelsea soltou um riso forçado, esperava que não soasse falso. Ela ajudou Mae com seu casaco e segurou a porta aberta para ela. – Vá colocar seus pés para cima e relaxar.–



Mae lançou-lhe um olhar curioso, como se ela pudesse estar desconfiada, mas não muito. – Posso fazer isso. E assistir a um filme que gravei na semana passada.–

Chelsea trancou a porta atrás de sua chefe e passou a classificar os xampus, condicionadores e produtos de estilo, observando quais os que precisavam ser comprados em um formulário de pedido para a Mae.

Ela olhou para o relógio na parede. Oito horas. Ela tinha estado nisso por uma hora, e nada de Jeff. Ela soltou um suspiro de alívio, colocou seu casaco e um lenço, empurrou seu celular no bolso do casaco e abriu a porta.



Capítulo 7

Chelsea estremeceu quando fechou a porta. Ela testou para ter certeza de que estava bloqueada. Era um daqueles tipos de portas que você não precisava de uma chave para bloquear do lado de fora. Você abri, puxa a alavanca, depois a fecha, e *ta-daa*, estava trancada. Ela testou-a novamente com um puxão vigoroso. Definitivamente bloqueada. Mais uma vez, com certeza, ela puxou e, ao mesmo tempo, amaldiçoou sua compulsão de verificar as coisas duas vezes. Como irritante que era. Pior do que ser supersticiosa.

Ela puxou o casaco em torno de seu corpo, desejando que ela tivesse encontrado um de seu tamanho quando ela tinha ido para a loja de segunda mão, mas grata que ela tinha encontrado este, mesmo que fosse muito confortável para botar todo o caminho. Se ao menos pudesse soltar um par de quilos - tudo bem, talvez mais do que um casal.

Ela se virou, ofegou, caindo para trás. – Jeff. –

Ele estava parado bem atrás dela. Muito perto. Quase tocando. E agora ele estava bem na frente dela. Era muito íntimo, e muito desconfortável.

– Tentei ligar para você ... – ela começou, depois fez uma pausa, desejando imediatamente não ter dito isso porque não queria deixá-lo saber.

– Por quê? – Ele ergueu uma sobrancelha. Seu rosto, apesar de bonito, tinha um olhar nele que a fazia querer se afastar - não, fugir. A brutalidade era sua expressão predominante.

Ela tentou se sustentar, mas se viu pressionada contra a porta. Ela se mexia para uma resposta à sua pergunta. – Eu não me sinto tão bem. Eu estava tentando te alcançar para cancelar ... –



Ele cerrou a mandíbula, seus olhos apertados na luz refletida da neve. Ao redor deles, o restante do estacionamento estava deserto, a neve não estava marcada por faixas de pneus.

Não estava marcada por pistas de pneus? Onde estava seu carro? Se não houvesse faixas ... Ela estremeceu. Isso significava que ele estaria lá por um tempo.

– Eu nunca recebi uma chamada.– Sua voz estava mais gelada do que o ar noturno.

Ela encolheu os ombros, principalmente para mostrar. – Não era um número de trabalho. Desculpe.–

– Então você gostaria de adiar? Uma nova marcação?–

Ela não tinha realmente dito isso, ela tinha dito cancelar, mas ela não queria entrar com ele nesta noite muito fria e úmida. O meteorologista havia dito que haveria mais neve, então a última coisa que ela precisava era estar aqui com Jeff, e longe de seu lugar.

– Sim, se está tudo bem com você?– Ela diria sim agora, e sair dela depois.

– Sexta à noite.– ele disse com um sorriso.

Ela sabia que ele estava tentando atrapalhá-la. Ele a ouvira aceitar a oferta de Grant. Agora ele a estava colocando em um lugar ruim. – Bem, uh ... talvez, nós ...–

– Qual é o problema, Chelz?– Sua voz tinha uma qualidade sinistra nela, e seus olhos a estavam ameaçando.

E usou o apelido de Grant para ela.

Um arrepio percorreu seu corpo, um arrepio que não tinha absolutamente nada a ver com o frio. Ela olhou para cima e para baixo na rua solitária, todas as fachadas escuras, sem casas nesta estrada - uma estrada que era mais para os turistas do que para os locais.

Somente os postes ofereciam companhia, parados como sentinelas cegas, oferecendo pouca luz e ainda menos conforto.



Ela cruzou os braços sobre o peito para evitar os arrepios. – Eu não sei. Nós podemos conversar amanhã? Está frio.–

– Certo. Deixe-me te levar para casa? Ou podemos ir até a cidade e tomar um café com leite?–

Okay, certo. A última coisa que ela queria fazer era ficar presa em um carro com ele. – Estou me sentindo mal. Você se importa se ... não?– Ela se esquivou em uma tentativa de andar em torno dele.

Jeff pôs a mão em seu braço, seu aperto como um torno. – Eu acho que você ...– Ele pausou, um sorriso que ela não se importava de cruzar seu rosto. – Bem. Tenha uma boa noite. Se importa se eu esperar até que você puxe para fora para que eu possa ter certeza que você começa na estrada sem um problema?–

Ela franziu o cenho, hesitando. Isso era simpático para oferecer para garantir que ela chegou bem á estrada com segurança, mas ...

– Eu não vou te seguir para casa. Mas você deve saber isto: se eu quisesse saber onde você vive - eu sou um corretor de imóveis, depois de tudo. –

Ela segurou um rolar de olhos. Ela não usava os livros. Ela estava apenas alugando um quarto. Ninguém deveria saber onde ela morava, a menos que ela ou Mae lhes dissesse. Ela estava fora da grade e feliz com a descrição de Mae. Ela pediu a Mae quando ela se mudou para manter as coisas privadas, não por causa de Jeff, mas estava funcionando para o melhor. Chelsea não estava pronta para transformar um problema em outro.

Ela apontou para a mão dele em seu braço. Ele a removeu com um floreio, como se fosse um grande gesto de sua parte.

Sem um olhar para trás, Chelsea abriu seu carro destrancado e pulou no veículo congelado, estremecendo quando sua parte traseira tocou o assento frio.

Ela empurrou seu pé no freio e seu dedo no botão de início de seu Altima.



Nada. Nada mesmo.

Ela fez de novo. Nada ainda.

– Merda.– ela murmurou em voz baixa. – Merda e maldição.–

Ela olhou para o pára-brisa para o veículo próximo, com os faróis acesos. Jeff.

Esperando.



Capítulo 8

– Vamos, caramba.– Como se falar com o carro faria qualquer diferença.

Ela bateu o pé no freio e ao mesmo tempo apertou o botão de partida.

Novamente nada.

– Mas.Que.Merda?– Ela podia esperar. Ela podia esperar. Vá para dentro e espere lá. Talvez liguar para Mae, ver se ela poderia dar um passeio. Ou podia dormir na loja, na sala de espera, onde estava quente e havia uma fileira de cadeiras que ela podia se espremer. Isso é exatamente o que ela faria.

Uma batida afiada no pára-brisa fez ela saltar, parecia como realmente saltar de sua pele, que é o que se sentia.

Ela estalou a cabeça para a esquerda, e lutou contra a decepção que iria aparecer.

Através do vidro, Jeff ergueu a voz. – Você está bem? Você não está movendo o carro. E está um pouco frio.–

Devia dizer que estou com problemas? Ou dizer-lhe que ainda tinha algum trabalho a fazer na loja. Ou ... que outras opções ela tinha? Nenhuma.

– Estou bem. Só ...– O quê, espertinha? – Eu ... eu estava esperando.–

– Você está tendo problemas de carro? Este não é o tipo de tempo para mexer, Chelsea.– Seu tom era nasal. Por que ela nunca tinha notado isso antes? Sua voz ronhou em seus nervos. Preferia escutar o timbre profundo e reconfortante de Grant.



– Só um pouco. Mas está tudo bem, Jeff. Posso voltar ao salão. Tudo bem.–

– Você tem uma chave para Mae?– Surpresa registrou em sua voz.

Inferno. Ela tinha esquecido. Ela trancou a porta. Ela não estava voltando.

– Você não pode ficar aqui fora. Está frio demais. Deixe-me levá-la para casa.–

Ela hesitou, e viu a reação a sua hesitação em sua expressão. A ira brilhou em seus olhos. – Não seja boba. Eu sou um dos melhores corretores de imóveis da área.– Ele puxou a maçaneta da porta.

Talvez ela estivesse sendo tola. Deveria deixá-lo levá-la para casa. Podia ligar para Mae pela manhã e descobrir uma maneira de arrumar o carro. Mae poderia lhe dizer sobre um mecânico confiável. E com muita sorte, isso não seria um revés caro.

Ela soltou a fechadura e enfiou as chaves no bolso. – Eu agradeço, Jeff.–

Ele tomou seu cotovelo e levou-a através do estacionamento para seu sedan preto.

Chelsea estudou o veículo, imaginando como um carro conseguiria parecer sinistro quando os carros não tinham personalidade. A máquina européia brilhou na escuridão da noite, sua brilhante evidência exterior de cuidado tomado por seu dono. Jeff abriu a porta do carro para ela, ajudou-a a entrar. Os passos dele pareciam um pouco felizes enquanto caminhava para o lado dele do carro. Preferia que ele não parecesse tão feliz por sua desgraça.

Ele entrou, estendeu a mão para o cinto de segurança e puxou sobre ela, prendendo-a antes que ela pudesse protestar. Um estremecimento de repulsa rolou por ela quando sua mão – acidentalmente– roçou seu peito, mesmo que ela estivesse agasalhada. Quando ele prendeu o cinto, o som *snapping* a fez saltar. A



finalidade dela lembrou-lhe o ruído de uma porta da cela. Ela respirou fundo para se acalmar.

Ele ligou o carro. A inveja a percorreu com a facilidade como o seu carro novo, mas caro carro começou. Uma raiva correu paralelamente à sua inveja. Raiva sobre a posição em que estava, nenhum meio, nenhum veículo confiável, correndo, escondendo.

Jeff olhou para o espelho retrovisor, um minúsculo sorriso brincando em seus lábios finos. – Que tal uma xícara de chocolate quente? Você parece azul.–

Só se você não for comigo. – Obrigado, mas estou cansada, Jeff. Eu não me sinto muito bem. Apenas um banho quente e minha cama.–

A olhadela de lado que ele deu a ela quando ela disse que as palavras – banho– e – cama– a assustou.

– Eu posso pagar um para levarr. Você pode apreciar um em seu passeio para casa.–

Onde diabos ele pegaria chocolate quente a essa hora? Seria uma viagem de quinze minutos e não estava a caminho do seu quarto na Mae, ela tinha certeza disso.

– É o mínimo que você pode fazer. Depois de me levantar, não querendo me dar uma chance. Aqui estou eu, seu cavaleiro em armadura brilhante, e você não está sendo muito gentil. –

Talvez ele tivesse um ponto. – Ok, vamos pegar algum, vai ficar bem.– Pelo menos isso o apaziguaria. Ele estava dando-lhe um passeio, e ele tinha esperado para ver se o carro dela começasse. Talvez ele tinha uma qualidade redentora ou duas. Ela sentiu que seria um calcanhar se ela não mostrasse seu apreço, mesmo se ele não era alguém que ela queria namorar. Deus, por que parece que estou tentando me convencer?

Ele dirigia mais depressa do que ela preferia na estrada escura e sem luz, tomando curvas e colinas a uma velocidade que a fazia conter



a respiração. Quinze minutos de conversa, e eles chegaram. Ele puxou para o estacionamento.

– Chegamos?– Ela empurrou seu cabelo para trás nervosamente.
– Minha janela não rola para baixo. Chegamos?–

Ela estudou Jeff com afinco. Ela não estava interessada em ser manipulada. – Eu vou esperar aqui, se estiver tudo bem com você.– Ela puxou o colarinho do casaco. – Esta jaqueta não é realmente feita para este tipo de tempo.–

– Isso é verdade. Você vai ter que me dizer em algum momento de onde você veio. Em algum lugar quente, eu acho. Você provavelmente deve comprar um casaco melhor.–

– Verdade.– Ela não tinha planejado ficar nesse estado enquanto ela tivesse. Mas quando a oportunidade de um emprego e um lugar para morar com Mae tinha surgido, ela não poderia encontrar uma maneira de desativar isso. Se ela tivesse, ela já teria passado por seu dinheiro.

– Eu volto.– Ele saiu pela porta do carro, levando as chaves com ele, e deixando entrar o ar frio.

O mínimo que poderia ter feito foi deixar o motor em funcionamento, ela pensou. Ele não confiava em ela para não roubar seu carro?

Menos de dez minutos depois - sim, ela o tinha programado no celular - ele estava de volta e entregou-lhe uma xícara de chocolate quente. Ele colocou a chave na ignição. – Desculpe, eu pensei que tinha deixado as chaves aqui e o carro correndo. Espero não ter deixado você com muito frio.–

Ela envolveu seus dedos em torno do cálido copo. – Eu estou bem.– Ela deixou o calor e vapor que veio através do pequeno buraco de bebida aquecer seu rosto.

– Experimente.– Ele sorriu um sorriso encorajador. – Eles fazem isso com chocolate de verdade. Melhor chocolate quente que você já



teve, eu aposto.— Jeff a observou ansiosamente, como se ele quisesse sua aprovação.

Ela colocou o copo em seus lábios e tomou uma minúscula e cautelosa deglutição para não se queimar. — É bom.— ela murmurou. O líquido aqueceu seu interior.

Ele saiu do estacionamento. — Ok, então, para o seu lugar agora. Você mora perto do salão de Mae? —

— Não, quinze minutos na outra direção.—

— Oh, você mora perto da propriedade de Grant. Isso é perto da terra que eu estou tentando adquirir.— Seu rosto transmitiu sua antipatia por Grant.

Ela propositadamente não respondeu. Ela não precisava ser arrastada para o meio desse drama.

— Meus planos para essa terra beneficiarão toda a comunidade. Um complexo de entretenimento trará pessoas em massa. Temos o potencial de ser um dos maiores destinos turísticos do estado. Imagine o dinheiro que traria para as pessoas que vivem aqui. —

Ou seja, você. Ela segurou a língua, tomou um gole da bebida reconfortante e olhou pela janela para a escuridão da floresta.

Depois de alguns momentos de silêncio, Jeff limpou a garganta. — Você é amiga de Grant.— Ele parou, esperando que ela reconhecesse ou discordasse.

Ela não disse nada, levantou o copo para seus lábios para outra bebida. — Você poderia dizer a ele o que uma coisa boa que seria.—

Ela baixou o copo lentamente, ponderando o que dizer. Um choque na estrada empurrou o copo de seu aperto ligeiramente.

Ela ofegou, mais por surpresa do que dor quando o líquido explodiu fora do pequeno buraco bebendo e espirrou sua bochecha. Ela tentou enxugar o rosto, mas sua mão não se levantava.



Desacelerando ligeiramente o carro, Jeff pegou o copo de sua mão. – Você está bem?–

Ela olhou para as mãos no colo. – Sim, eu ...– Por que ela estava falando as palavras dela? Por que suas mãos não estavam se movendo?

Ela levantou os olhos do colo para o rosto. Isso não era uma expressão de preocupação, era mais uma expectativa. O que estava acontecendo?

– O quê ...– Ela ainda não conseguia juntar uma frase. O que ele tinha lhe dado?

Por que ela não podia controlar suas mãos e sua boca? Ela começou a entrar em pânico. Seus olhos se arregalaram e ela tinha certeza que seu rosto tinha uma expressão que refletia seu medo e horror. O que ele tinha lhe dado? O que ele tinha colocado no chocolate quente?

Estúpida, estúpida, estúpida.

– Relaxe.– Ele pôs uma mão em seu pulso, seu aperto uma faixa de aço. – Ninguém vai te machucar. Não de uma maneira ruim.– Seu sorriso era nada menos do que luxurioso, seu olhar malicioso, lascivo. Seu polegar riscou círculos em seu pulso.

Chelsea queria tirar a mão dela, mas não conseguiu. Ela não podia mover sua mão, não podia gritar para ele as obscenidades que ela queria.

Ela olhou pela janela. Eles estavam passando pelo salão, e eles estavam indo para fora da cidade. Para onde ele a estava levando? Ela não tinha lhe dito onde exatamente ela morava. O que ele estava planejando fazer com ela? O veículo acelerou, e o campo escuro parecia um borrão. Ela se perguntou se isso era porque ela estava ficando tonta.

Ela moveu a mão direita um pouco, apenas alguns centímetros para a porta, então ficou entorpecida e ela não podia controlá-la novamente.



Ela esperou um momento, evitando olhar para a mão para que a atenção de Jeff não fosse atraída para lá. Ela flexionou seu polegar. Moveu-se. Ela podia sentir. Não era muito movimento, mas ainda. Era lento, tortuoso, meticuloso, mas ela podia passar por ela.

– Eu sei que você sente o mesmo. Eu posso ver isso em seus olhos. Você é apenas tímida.— Sua mão percorreu seu braço até seu ombro. Afastou os cabelos dela quase amorosamente. Sua mão deslizou para baixo sobre seu peito, que felizmente ainda estava coberto por seu casaco, mas isso fez pouco para aliviar as emoções correndo nela em suas ações.

Chelsea tentou controlar as lágrimas que estavam construindo em seus olhos. Ele se abaixou, soltou seu cinto de segurança, deu-lhe um sorriso e, em seguida, colocou a mão de volta em seu peito. Ele desabotoou um botão em seu casaco, olhando para o pára-brisa e depois para ela. Ele deslizou uma mão dentro de seu casaco, levantou seu top, empurrando seu sutiã de lado.

Seu corpo não queria se mover. Ela tentou tremer, se contorcer, mas sua parte superior do corpo estava congelada. Seus dedos imediatamente encontraram seu mamilo.

– Deus, eu não posso esperar para te provar. Olha o quão duro seu mamilo fica quando eu toco.— Ele beliscou seu mamilo, seus dedos impiedosos.

Lágrimas de dor se elevaram em seus olhos. Chelsea sacudiu a cabeça. – Nn-não.— Ela moveu sua mão uma última vez, agarrando a maçaneta da porta, rezando que fosse uma que seria desbloqueada quando fosse puxada. Ela tentou apertar seu aperto. Ela empurrou o cabo enquanto o carro tomava uma curva. Seu corpo continuava viajando em uma direção enquanto o carro tomava a curva com precisão mecânica na outra.

Chelsea voou para fora do carro e bateu no chão. Felizmente, um pedaço de terra macia, um pouco de neve e alguma relva retardaram seu progresso em direção a um tronco de árvore. Sua testa saltou da casca do tronco, seu corpo se contorcendo no impacto.



Capítulo 9

Grant virou. Algo o tinha acordado, e ele estava em um desagradável humor no que despertar tinha interrompido. Ele estava tendo um inferno de um sonho. Chelsea estava nua em seu sonho, espalhada em sua cama quando ele ...

Lá foi novamente.

Ele empurrou-se para uma posição sentada. Seu celular. Estava vibrando na cômoda. Desnudo, com uma raiva dura do inferno, ele se aproximou do telefone.

– Mae.– Ela deveria ter uma boa razão para interromper seu sonho, um, sono. Mae nunca ligava, quase nunca, de qualquer forma, então quando ela fez ... Provavelmente não era uma boa notícia. – Estás bem?–

– Chelsea está desaparecida.– Ela tinha um certo pânico em sua voz.

Seu sangue fez a coisa toda se transformar em gelo. Não Chelsea. Não quando ainda não tiveram uma chance. – Desacelere. Me diga.– *Calma*, ele disse a batida de seu próprio coração. Ela tinha que estar bem. Não se sentia assim com uma mulher.

Não, ele não pensaria assim. Ele não podia perder essa preciosa, de cabelos compridos, pacote cheia de curvas e sorriso bonito.

Mae deu a ele as informações, alertando-o sobre as tentativas de Jeff para intimidar Chelsea em sair com ele e a decisão do Chelsea para ficar até tarde no salão de beleza sozinha.

Ele reprimiu uma reprimenda em Mae por deixá-la sozinha. Só porque ele estava convencido de que Jeff tinha um lado sombrio não significava que Mae tinha o instinto de fazer o mesmo. Ela era humana, afinal, mesmo se ela tivesse sido acasalada com um shifter. Ela tinha



adquirido algumas habilidades. A ligação de acoplamento fez isso. Mas não deu a ela tudo o que um shifter nascido tinha.

Mae ainda estava conversando enquanto examinava as informações. – E ela nunca chegou em casa. Liguei para o celular dela. Sem resposta. Eu ia ligar para o xerife. Mas eu pensei...–

– Você estava certa. Não há nenhuma razão para incomodar o xerife.– Ele empurrou seus jeans, grunhindo quando eles enjaularam seu pau semi-duro em seus confins. Seu instinto protetor era forte. Como um alfa shifter, ele sentiu o impulso de proteger mais ferozmente.

Dirigiria até a cidade, verificá-la. – Você ligou para o salão, certo?–

– Nenhuma resposta. Eu também vou. Muita neve esperada.– Ela ainda estava hiperventilando.

– Mae. Não. Não preciso me preocupar com vocês duas. Espere em casa e fique perto do telefone, caso precise de você.–

– Vou me sentir inútil. É tudo culpa minha. Eu não deveria ter deixado ela ficar até tarde sem ficar com ela.– Um meio soluço escapou dela antes que ela pudesse parar. Ele a ouviu apertar o som doloroso antes que pudesse terminar.

– Você se importa com o Chelsea.– observou. – Eu também. Há algo sobre ela ...– Ele não podia discutir com isso. Havia algo no Chelsea que o puxava e o urso dentro dele. – Mae. Vou desligar para que eu possa me vestir e sair daqui. Não se preocupe.– Fácil para ele dizer, mas não tão fácil para ele fazer.

A preocupação comia em seu intestino como ácido.

Ele fez a viagem em tempo recorde - para ele, a neve que tinha sido ameaçadora ainda não tinha começado, embora a temperatura já era muito baixa para o conforto.

Conforto humano. Ele gostava, embora preferisse dormir durante todo o inverno.



Viu o carro do Chelsea, solitário no estacionamento pouco iluminado. Um pequeno farol na outra ponta. Ele teria que conversar com Mae sobre isso. E a cidade. Isso era ridículo. Deveria haver uma melhor iluminação.

Puxando-se perto do carro do Chelsea, ele notou no cobertor de neve leve que havia faixas. Seu e de um homem. Ele respirou fundo, cheirando, absorvendo, deixando seu urso analisar os aromas.

Jeff. Essas pegadas pertenciam a Jeff. Grant as seguiu, ambas as pegadas. Esse era definitivamente o perfume do Chelsea. As impressões levaram a um conjunto de pistas de pneus. Estava claro que ela tinha entrado em seu carro, e que Jeff a seguiu lá.

Uma careta cruzou o rosto áspero de Grant. Jeff provavelmente tinha colocado uma grande frente como um cavalheiro. Mas agora não havia nenhum sinal da mulher de Grant. Grant fez uma careta para si mesmo. Ele já a chamava de mulher. Ela não concordou com nada além de um encontro - provavelmente um encontro casual, embora Grant realmente não pensasse que era só isso, porque os olhares que ela lhe deu - disseram que havia fogo atrás da fumaça. Um forno, na verdade. A raiva alimentou Grant para frente quando seguiu as pistas dos pneus. Eles levaram para a estrada, e depois desapareceu entre inúmeras outras faixas. A única pista que ele tinha era que eles viraram para a direita. Ele entrou em seu caminhão e se dirigiu nessa direção.

Quando ele estava suficientemente fora da cidade, ele puxou em uma alcova feita pela floresta e uma estrada abandonada longa e estacionou o caminhão. Ele enfiou o celular e as chaves na caixa de luvas. Saindo, ele ajustou a fechadura com a almofada de números debaixo da maçaneta da porta, e mudou. Sua roupa mudou com ele, como sempre.

Ele percorreu a floresta por uma hora em um lope rápido, parando cada poucos momentos na esperança de pegar seu cheiro. Finalmente, ele fez. Ele aumentou seu ritmo, ignorando a dor em seu lado de manter essa velocidade por tanto tempo, indo muito rápido para que mesmo seu corpo poderoso para suportar.



A última vez que ele pausou para pegar seu cheiro, ele sabia que ela não estava longe. Um grunhido que era mais como um gemido de dor escapou de sua garganta, porque a outra coisa que ele cheirava era sangue. Esse foi o momento em que o atingiu - seus sentimentos por essa mulher eram muito mais poderosos do que ele pensava, e eles estavam completamente ligados e o seu urso está consumindo no amor por ela.

Na penumbra, seus olhos de urso a viram muito mais cedo do que seus olhos humanos teriam. Ele rugiu ante a visão de seu corpo prono, amassado contra a árvore, enrolado em torno dele como se fosse um amante que iria oferecer consolo.

Ele aumentou seu ritmo, mudando nos últimos passos, tornando-se um homem novamente. Ele parou ao lado dela, ofegante, seu peito arfando de noventa minutos de corrida e procurando por ela. Ele tocou seu pescoço onde seu pulso seria. Lá estava - fraco, mas presente. Em seu peito, seu urso podia sentir seus batimentos cardíacos.

Ela estava tremendo, tremendo violentamente do frio, mas o tremor não a acordou. Grant tirou o paletó, inclinou-se para perto dela, empurrou-a e levantou-a. Ele acariciou seu pescoço, saboreando em sua vida. Inclinando-se contra a árvore, apoiou-se e afastou os cabelos do rosto para poder examinar a fonte do sangue. Uma ferida, infiltrando sangue lentamente no canto da testa. Um corte não muito profundo, o sangue começando a coagular em suas bordas externas.

Ele mudou para sua forma de urso, sabendo que ele tinha que levá-la para a segurança. Agora o lugar mais próximo e mais seguro era uma caverna a algumas centenas de metros de distância. Ele poderia fazê-lo lá, construir um fogo e mantê-la quente contra a sua forma de urso. Seu urso soltou outro rugido de angústia, este mais suave para não incomodá-la.

Um conjunto de faróis brilhava sobre ele. Ele levantou a cabeça. Os faróis diminuíram. Ele reconheceu o carro de Jeff.

Voltando à cena. Ele bufou. Se Jeff saiu para ajudá-la ...



O carro estava parado, depois saiu, desviando-se e pescando na neve e no gelo.

Covarde. Jeff a deve ter visto com um urso e não estava fazendo nada para ajudá-la.

Grant deslocou-se para o ser humano e abriu caminho através da espessa vegetação rasteira, das árvores e dos arbustos. Logo, ele estava na frente da caverna que ele usara desde que era um menino, antes mesmo de sua própria terra, quando pertencia ao seu avô e a mulher nativa americana que ele tinha tomado como sua companheira. Um sorriso de reminiscência às boas lembranças de seu avô e avó cruzou seu rosto. Esta era a fuga privada de Grant. Ele nunca contou a ninguém sobre isso. Nem mesmo seu capataz de confiança, Joe. Quando Grant queria privacidade completa, era onde o encontraria.

Entrando na caverna profunda, ele encontrou o feno que ele sempre deixou na alcova perto da entrada-fixações para um incêndio, um saco de dormir que era protegido dos elementos e criaturas selvagens em um saco de lixo de plástico de grandes dimensões, ele a deitou gentilmente, colocando Chelsea no feno, lutando contra as lembranças que ele tinha de há muito tempo, a primeira vez que seu avô o trouxe aqui.

Grant começou um incêndio, desembulhou o saco de dormir, e envolveu em torno de Chelsea. Ele mudou para sua forma de urso e deitou ao lado dela para mantê-la quente. Ele teria que levá-la para seu caminhão, mas agora, o calor era mais importante. O corte dentado tinha parado de sangrar, mas seu tremor não tinha diminuído. Ele inalou seu cheiro, saboreando-o, irritado com o que ele estava certo sobre o papel de Jeff nisso. Ele iria buscar a retribuição, mas ainda não. Primeiro, tinha que ter certeza de que estava bem.

Fez uma pausa. Esfregou. Inalou novamente. Esse cheiro. Um cheiro químico. Em sua respiração, vindo de seus poros, misturada com o cheiro de suor nervoso. Ele se aproximou. Chocolate, misturado com o cheiro. Drogada. Tinha sido drogada? Seu pulso cada vez mais forte era um bom sinal de que sua lesão na cabeça não era tão ruim quanto



ele tinha originalmente temido. Mas ainda assim, aquele bastardo Jeff a tinha deixado pra morrer.

Ele reprimiu um rugido de fúria que ameaçava alcançá-lo. Ele sacudiu de raiva, suas garras de urso flexionando. Em seu peito, uma raiva ardente queria erguer sua poderosa cabeça e caçar por Jeff. Para rasga-lo em dois.

Ele estava dividido entre cuidar da lesão na cabeça do Chelsea ou tratar a hipotermia que ele tinha certeza de que tinha começado a definir antes de ele chegou. Assim que ela se aquecesse o suficiente, ele a levaria para seu caminhão. Ele a levaria a um hospital para ter certeza de que ela não tinha uma concussão.

Ela gemeu e se moveu ligeiramente. Sua cor estava voltando. Seus lábios já não estavam azuis. Seus olhos vibraram, e ela ofegou por um suspiro.

Grant mudou para sua forma humana o mais rápido que pôde, rezando para que não tivesse notado, estivesse alerta o suficiente, acordada o suficiente ...

– G-gr— Seus olhos focados em seu rosto. Reconhecimento óbvio. Alívio ainda mais óbvio. Ela balbuciou, como se estivesse tentando dizer seu nome, mas não podia.

Provavelmente ainda drogada.

Ele não pôde evitar o beijo que ele plantou em sua têmpora, perto do solavanco e sangue seco, mas não perto o suficiente para criar mais dor para ela. – Shhh.— Ele a repreendeu. – Você não precisa falar.— Ele apertou seu abraço em volta dela. – Assim que seu corpo ficar quente, eu vou levá-la a um médico.—

– Não.— A palavra foi arrancada de seus pulmões. Ela começou a se contorcer, flutuando, tentando libertar-se de seu abraço.

– Não?— Ele estudou seu rosto. – Acalme-se. Calma, agora. Não o quê? Não quer ir ao médico?— Ela balançou a cabeça.



– E se você tiver uma concussão?– Ele não pensou que ela tinha, mas ele queria a opinião de um médico.

Ela balançou a cabeça novamente, com veemência.

– OK. Veja. Eu não quero que você piore, mas tudo bem. Tudo bem, ok? Me chame de idiota por concordar. Nenhum médico.– Ele esperava que ele pudesse cumprir a promessa. Ele tentou calcular o quão longe poderia estar de seu caminhão, e decidiu que uma das cabines em sua propriedade seria mais próxima do que o caminhão. Elas eram velhas, desde o momento em que seu avô tinha administrado a propriedade.

A maioria delas tinha eletricidade e outras conveniências modernas, mas ele não tinha certeza se o mais próximo tinha. Não importava. Ele poderia a aquecer em um momento. Eles estavam sempre abastecidos com lenha e outros suprimentos - apenas no caso, um hábito que ele tinha aprendido com seu avô.

Ele tocou sua bochecha, seus dedos escuros contra sua pele clara. Ele plantou outro beijo em sua têmpora, deixando seus lábios persistirem, fechando seus olhos, absorvendo a sensação de sua pele, o cheiro de seu corpo.

Ela se aconchegou mais perto, um pequeno gemido de um som escapando de sua boca.

Um novo perfume infiltrou-lhe as narinas, um que lhe despertou um desejo. Ela estava excitada. O cheiro dele era forte, permeando seus poros, seus nervos - cada célula dele estava sintonizada em cada parte dela.



Capítulo 10

Grant lutou contra o desejo de acasalar com ela. Seu urso queria fazer o acoplamento, para reivindicá-la para a vida - para sempre. *Muito cedo*, advertiu-se. Eles não tinham um entendimento. Ela não tinha concordado em se tornar sua companheira. Mas isso não impediu o urso e o homem nele de querer levá-la. Para afundar seu pau profundamente dentro de seu canal, para ser alojado em sua mancha e aperto, para amar suas curvas, para reivindicar cada centímetro dela. Deixar seu cheiro nela, marcando-a permanentemente como sua. Um grunhido baixo e profundo se erguia em seu peito, furioso para sair em um rugido.

Ele moveu sua mão sob o tecido de seu casaco, empurrando o lado de cima dela e movendo seu sutiã para baixo. Um peito cheio estalou fora, livre dos confins de seu sutiã de laço. Ele passou a mão no mamilo, fazendo círculos, apertando-a, balançando-a.

Em seu caloroso abraço, Chelsea se contorceu, um gemido anunciando sua aprovação. Seu ritmo lento e rítmico se contorcendo e massageando a dureza de seu pênis através do tecido de sua calça jeans, fazendo-o vibrar com uma necessidade que era primitiva.

Ele deixou cair a mão sobre a barriga dela, até a virilha dela. Ele agarrou seu montículo, aplicando pressão sobre seu clitóris enquanto levantava seus quadris e o chão em sua mão. Com um movimento rápido, ele desabotoou suas calças e as deslizou para baixo.

Chelsea levantou sua bunda para ajudar com as calças. Sua resposta explícita fez seu pênis mais duro em suas calças, latejando com a necessidade de entrar em seu corpo. Sua auto-restrição estava sendo muito testada.

Com as calças abaixadas, e depois retiradas, e seu corpo mais baixo, ele abriu as pernas, empurrando-as separadas, liberando seu



cheiro. Na lampejante luz de lampejo ele viu sua umidade reluzente, logo abaixo de sua buceta bem arrumada. Ele lambeu os lábios em antecipação, seu paladar pronto para combinar seu sabor com seu cheiro. Olhando seu rosto, ele baixou a cabeça até que seus lábios estavam logo acima da umidade. O calor de sua rosa, cumprimentando seu rosto. Grant parou, inalou uma respiração profunda, levando a essência de seu cheiro profundo dentro dele, permitindo que ele permeasse seu espírito.

Chelsea mordeu o lábio inferior. Ele podia ouvir seu coração, batendo um pulso que combinava com o dele. Ela prendeu a respiração. Agora seu pulso batia em seus ouvidos.

Grant baixou a cabeça uma fração de polegada e soprou uma rajada de ar quente em seus lábios, provocando-os. Suas pernas tremeram, suas dobras se movendo com seu arrepio. Ele colocou a ponta de sua língua no topo de sua fenda, então, entrando, ele procurou seu botão, pronto para dar toda a sua atenção ao clitóris.

Espalhando as pernas abertas ainda mais com as pontas dos dedos, ele lambeu seu clitóris, depois sugou-o, alternando entre lambe e chupar enquanto o nó inchou sob sua atenção. Outra onda percorreu seu corpo inferior.

Ele segurou a entrada dela com a boca, sugando um lábio e depois outro, soltando-os com um estalo alto. Ela ofegou. Suas mãos enredadas em seu cabelo quando ela empurrou seus quadris para cima em um impulso violento.

Restrição seja condenada. Deslizando suas mãos debaixo de sua bunda arredondada, ele a empurrou para cima, empurrando sua língua profundamente dentro dela, mergulhando-a dentro e fora.

Chelsea arqueou suas costas, gritou seu nome, e apertou suas coxas ao redor de sua cabeça.

Ele manteve sua boca presa a sua vagina, sua língua lançando seu canal enquanto ela gozava em sua boca, em seu rosto.



Os músculos de Chelsea espamaram. Suas pernas tremeram. Grant levantou a cabeça, o rosto e boca molhada e brilhante com sua umidade, o produto de sua paixão compartilhada. Seu olhar era penetrante, olhando diretamente para seu núcleo. Ela virou a cabeça, incapaz de segurar sob a intensidade do ardor atrás de seus olhos.

Ela o sentiu se movendo sobre ela, seu corpo cobrindo o dela. Ele pressionou seus lábios nos dela com um leve beijo. Separando seus lábios, ela provou-se em sua língua, provou o prazer que ele tinha dado a ela.

Grant subiu uma fração. – Eu sabia que você seria deliciosa.– Ele beijou a ponta de seu nariz. – Você é tudo que eu pensei que você seria.–

Sonolenta, talvez um pouco do que Jeff tinha dado a ela, ela acariciou contra ele, enfiando a cabeça contra seu pescoço. Segura. Esta era uma nova emoção para ela, muito desconhecida, mas ao mesmo tempo, parecia que finalmente tinha voltado para casa. Apenas um pensamento afligia sua mente - Mae. O que ela faria com Mae e Grant? Havia um Mae e Grant?



Capítulo 11

Grant permitiu que ela descansasse um pouco, permitindo que ela se aquecesse antes de a pegar ao colo, enrolada no saco de dormir, e caminhou até a cabine. Ele atravessou facilmente a escuridão. Mesmo em forma humana a visão de seu urso ajudou-o a tomar o caminho mais seguro para o calor e a segurança.

Deslizou a corrente do cadeado e abriu a porta do camarote. O interior do ar era apenas um aquecedor do cabelo do que o ar exterior, mas pelo menos não havia vento para baixar a temperatura ainda mais. Ele observou o estoque de lenha. Mais do que o suficiente. Esta cabine não tinha sido configurada com eletricidade ainda. Ele colocou isso em uma lista mental para ter seu chefe de capataz fazendo. Em todas as cabines - só por precaução, porque agora ele sabia que nunca poderia antecipar qual delas precisaria.

Envolveu Chelsea no saco de dormir que ele trouxera da caverna.

Ela tinha descansado na caverna, depois ... Um sorriso cruzou seu rosto enquanto ele a colocava no sofá. Usou seus sentidos do urso e visão noturna para encontrar a lâmpada do furacão e fósforos.

Assim que havia luz suficiente para impedir Chelsea de ter medo quando ela acordasse, ele começou o fogo na lareira. A cabine de um quarto levou muito pouco tempo para aquecer, e em poucos minutos, ficou quente. Ele pegou uma garrafa de água, tomou um pano e umedeceu-o. Passando-o sobre o rosto de Chelsea, ele teve o cuidado de não colocar muita pressão sobre sua ferida.

Embora estivesse inconsciente, fez uma careta. Seus olhos se abriram lentamente, desfocada. Ele se inclinou para ver se ainda podia



cheirar o produto químico. Era muito mais fraco, quase completamente desaparecido.

– Grant?– Ela limpou a garganta. – O que você está fazendo?–

Ocorreu-lhe que ficaria estranha com o que estava fazendo. – Não se preocupe. Apenas verificando você. –

Ela esfregou a testa, estremecendo quando ela tocou o solavanco e empurrou sua mão para trás.

– Você bateu na cabeça. Lembra como?–

Ela fez uma pausa, uma expressão dolorosa passando por suas feições. Mordendo seu lábio, ela esfregou o outro lado de sua testa em confusão. – Eu não. Na verdade não.–

– O que você lembra?–

Ela balançou a cabeça, um olhar confuso em seu rosto.

Ele passou o pano sobre o rosto dela novamente, então trouxe a água engarrafada para seus lábios. Ele estava hipnotizado, observando seus lábios como a suavidade rosa palida envolveu o torno da boca da garrafa de água. Ele sabia que ele não deveria ter pensamentos como este atravessando sua mente, não agora, durante um tempo como este, mas ele se perguntou como seria ter aqueles lábios enrolados ao redor de seu pênis.

Como se acenado por um poder superior, seu pênis se contraiu e se esticou contra seu jeans, implorando para a liberação em mais de uma maneira.

Ele se forçou a se concentrar no assunto em questão, Chelsea e seu bem-estar. – Você precisa de ajuda médica.–

Novamente ela balançou a cabeça, desta vez vigorosamente, então fez uma careta, levantando a mão para a cabeça latejante.

– Quer me dizer por que não posso levá-la ao hospital?–

– Não.–



- Eu salvei sua vida e você não confia em mim?–
- Confio em você para salvar minha vida.– começou ela.



Capítulo 12

Mas eu não confio em você para não partir meu coração. Ou não
Na polícia, mesmo que seja por acidente. Mas ela não podia dizer isso.

Chelsea sentiu-se mal por mentir para Grant quando ela disse que não se lembrava. Lembrou-se de estar no carro de Jeff. Mas se ela dissesse a Grant, então ele poderia querer chamar a polícia. Ela não podia ter isso.

Ela olhou em volta. Eles estavam em uma cabana de algum tipo. Um quarto, cabine rústica com lareira e lâmpadas de furacão. Ela estudou o conteúdo do quarto. Moveis antigo. As paredes indicava que a cabana foi contruida em uma colina.

– Onde estamos?–

– Em minha terra. Uma das cabanas. Encontrei-a amarrotada contra uma árvore.– Ele cruzou os braços sobre o peito maciço, chamando a atenção para os músculos. – Chelsea.– Seu tom era severo. – Um hospital ...–

– Não. Nenhum hospital.–

– Isso é ridículo.– Seu rosto esguio e bonito estava ajustado, sua mandíbula apertada. – E se eu tiver o meu próprio médico para cuidar de você? Você nem tem que dar seu nome.– Seus olhos se fecharam em um ligeiro estrabismo, como se ele estivesse avaliando-a para uma resposta.

Ela lambeu os lábios, pensou no que tinha feito - pensou no que eles tinham feito na caverna, porque ela teve que tomar uma parte igual na culpa. Ela pegou a água na mesa de café.

Ele a pegou e a levou à boca, estudando-a enquanto ela bebia.



Seu estômago revirou ante a intensidade de seu olhar. Talvez fosse a raiva por sua relutância em ir ao hospital. Não, era outra coisa ... Se ela não soubesse melhor, teria pensado que era luxúria. A vibração em seu estômago viajou mais baixo, entre suas pernas, então subiu como se conduzido por uma corrente elétrica, parando em seus mamilos, tornando-os duros com seixos apertados em seu sutiã.

– Sim. Eu vou ver o seu médico.— Ela orou que não levaria ao desastre, mas ela tinha que confiar em alguém, em algum momento.

– Eu não quero te levar para fora no frio novamente. E meu caminhão está relativamente longe. Sem saber o que aconteceu com você, eu odeio deixá-lo sozinha.— Ele passou os dedos através de seu cabelo grosso, parou, começou a andar para frente e para trás na frente da mesa de café áspero-cortado, marcado que não estava longe do lugar onde ela estava deitada.

E se ele a deixasse e Jeff a encontra-se? – Por favor, não me deixe sozinha.—

Ele parou de andar de um lado para o outro, sentou-se no canto da mesa de café, segurou o queixo dela nos dedos longos. – Do que você tem tanto medo? Lembraste-te de alguma coisa? Como você terminou no meio do nada?—

Chelsea sacudiu a cabeça. Ele bateu o punho na palma da mão dele. Ela saltou para trás, apanhada desprevenida pelo som.

– Eu sinto muito. Eu não queria te assustar. –

– Eu não posso ficar sozinho.—

– Preciso de ajuda.—

– Podemos ir de manhã? Eu prometo que não acho que é tão grande como uma concussão. Acho que o frio me incomodou mais do que a minha cabeça. –

– É de manhã.—

– Mas está escuro lá fora.—



– Sim, por enquanto.— Ele coçou a cabeça. – Eu não sei. Não tenho certeza se esta é uma boa idéia.—

– Por favor. Algumas horas até que a luz do dia esteja aqui não vai doer.—

– Talvez você esteja certa.— Seu tom era relutante. Ele tocou sua bochecha. – Você está corada.—

– É gostoso aqui.— Ela deu a ele um sorriso de apreço. – Muito melhor do que estava lá fora.—

Ele pegou seu casaco.

Imagens de Jeff fazendo isso vieram à sua mente. Ela se encolheu.

– Eu não vou te machucar. Desde quando ...— Ele inclinou a cabeça, estudando-a. – Você nunca agiu assim comigo.—

Ela balançou a cabeça. Ela sabia que ela teria que contar a ele sobre Jeff algum dia. Ela tirou o casaco. Tirou-a dela, dobrou-a ao meio e se virou para colocá-la do outro lado da mesa de centro.

Um ruído soou, algo batendo no chão de madeira. Ele estendeu a mão, mostrou-lhe o que tinha feito o barulho.

– Meu celular!— Ela tinha esquecido que ela teria colocado no bolso quando ela saiu da loja. Era um telefone desbloqueado, e ela nunca usou, mas um pequeno pagamento um mês garantiu que ela teria acesso a ajuda se ela precisasse. Não me fez nada de bom esta noite.

Grant abriu o celular e deu um par de números. Ela colocou a mão sobre o telefone. – O que você está fazendo?—

Ele o fechou, mas manteve-o na palma. – Chamando meu capataz. Ele virá buscar-nos e levar-nos para a minha casa. Depois chamo o médico.—

– Nenhum policial, Grant.—

– Nenhum policial.— Ele balançou a cabeça de acordo. – Mas você tem que me dizer o que é o negócio com você e policiais.— – Um dia.—



Capítulo 13

Grant teve que deixar ir com o seu – um dia– declaração. Ele tinha o seu próprio segredo. Ele não podia esperar que ela revelasse a dela se ele não estivesse disposto a fazer o mesmo, e ele não poderia fazer isso ainda. Porque quando ele fizesse seu movimento para torná-la sua, ele tinha que ter certeza. A existência de seu urso e como isso poderia afetar seu relacionamento não era para ser tomada de ânimo leve.

Ele concordou em não deixá-la sozinha para ir buscar ajuda e não levá-la para encontrar ajuda imediatamente, porque seu urso dissera que ela não estava muito ferida. Pelo menos não muito.

Grant estava certo de que ele e seu urso poderiam discordar com entusiasmo sobre o que cada um deles considerava muito ruim. E embora o urso nele nunca o tivesse levado a mal ...

Grant coçou a cabeça, perplexo. Isso era pior do que discutir consigo mesmo. Ele não ia correr riscos. Não com um telefone celular que garantiria a ele uma maneira de levá-la para a segurança.

Ele bateu dez dígitos nos botões. Momentos depois, Joe pegou a linha.

– Estou na cabine no canto noroeste mais distante. Pegue o veículo de quatro rodas e saia. Eu tenho uma pessoa ferida comigo.– Ele latiu fora sem sutilezas e formalidades. Ele e Joe tinham trabalhado juntos por um longo tempo. Joe era capaz e não-absurdo. Um ex-gerente de um rodeio, ele fazia o seu trabalho.

Grant voltou-se para o Chelsea. – Ele estará aqui em breve.– Ele pegou sua mão na dele. – Confie em mim, ok?–

Ela assentiu com a cabeça.



– Mais um telefonema. Não, dois.– Ele marcou-os em seus dedos. – Primeiro, estou chamando meu médico para me encontrar na minha casa. Ele é confiável, acredite em mim. Então eu estou chamando Mae porque ela está preocupada. Eu não estaria procurando por você se ela não tivesse me chamado para dizer que você não tinha vindo para casa ainda.–

– Mae te chamou?– A cabeça de Chelsea inclinou-se para o lado.

– Sim. Por quê?–

– Sem razão.– Ela deu de ombros.

Seus instintos lhe disseram que era diferente, mas ele não iria pressionar o assunto. Ele se levantou, afastou-se do sofá e fez suas ligações, depois voltou-se para Chelsea.

– Doc Evans vai nos encontrar na casa. Mae disse que ela também está vindo.– Ele olhou para a mulher deslumbrante com a tez cremosa e tentou não pensar em devastá-la. Como ele desejava ter estado preso aqui em circunstâncias diferentes.

– Grant?– Seus olhos pareciam sonolentos.

– Sim?– Ele acendeu a lareira. Ele mandaria Joe de volta para apagar o fogo mais tarde.

Agora que não era tão importante quanto o Chelsea. – Conte-me sobre o urso.–

Sua cabeça girou em sua direção. Ela sabia? Como poderia? – O que você quer dizer?–

– O urso que estava me carregando. Eu sei que não era uma alucinação. E então ...– Ela esfregou os olhos. – Parece loucura, não é?–

– Não, não parece. Você soa como alguém que bateu em sua cabeça.– E tinha sido drogada. Provavelmente por aquele idiota Jeff. Assim que o Chelsea ficasse melhor, ele resolveria esse problema.



Então ele poderia dizer a ela. Ele precisava contar a ela a verdade, sobre ele, sobre seus sentimentos por ela, sobre o que significava estar com ele.



Capítulo 14

Chelsea se aconchegou contra Grant no todo-terreno enquanto Joe, em um Stetson e vestido como um cowboy, estava dirigindo na frente. Quando eles entraram em um caminho coberto de asfalto que parecia pelo menos um quilômetro de comprimento, ela começou a se perguntar sobre Grant Waters.

Quando o todo-terreno foi puxado ao lado de uma casa que só no tamanho só poderia ter sido chamado de uma mansão, suas suspeitas foram confirmadas. Grant não era um pobre homem, nem por muito tempo. Ela lançou-lhe um olhar de soslaio. O que ele estava fazendo pedindo para sair a uma vagabunda, errante, nômade como ela?

A casa de grandes dimensões era construída de pedra, como uma fortaleza, impenetrável. Lembrava-lhe as fotos que tinha visto das fortalezas e castelos da Europa.

– Este lugar é enorme. É tão...–

– É do meu avô. Isso foi. Ele a construiu num tempo em que havia ameaças. Não que não haja nenhum agora ... –

– Não consigo imaginar a conta de aquecimento.– Ela riu. A quantia que Grant gastou aquecendo este lugar a sustentaria por um ano, apostaria.

Joe estacionou. Ela se levantou para sair, apenas para encontrar-se arrastado nos braços de Grant. – Você acha que isso é necessário?–

– Me deixe. Eu vou me sentir melhor sabendo que você não tem uma concussão.–

Tomou os degraus de dois em dois, sem empurrá-la. Joe bateu na porta e abriu-a, e um calor abraçou-a quando Grant entrou em um



grande corredor. Uma enorme escadaria estava na frente deles. À esquerda e à direita havia conjuntos de portas duplas.

Como rústico e duro era por fora parecia, o interior era voltado para conforto e atratividade. Definitivamente tinha um toque de mulher. Ela mordiscou um gosto de ciúme quando imaginou que alguém o tinha decorado para Grant.

Grant abriu uma das portas duplas para a direita, depois se virou para Joe. – Eu posso levá-la daqui. Doc Evans estará aqui em alguns. Obrigado, Joe. Você é um salva-vidas.– Sua voz era sombria.

As portas duplas se abriram para uma biblioteca com uma lareira que tomava quase metade de uma parede.

As prateleiras do teto ao chão abrigavam livros que pareciam velhos. Do outro lado da enorme lareira, uma mesa de madeira escura dominava o quarto. Dois sofás de couro escuro flanqueavam a enorme mesa. Grant a colocou em um dos sofás e pegou um cobertor de xadrez. A suavidade acariciou sua bochecha enquanto ele a dobrava ao redor dela.

– Este é definitivamente um quarto de homem, não é?– Havia tanto que ela queria saber sobre este homem. Ela esperava que ele tomasse a pergunta como um convite para contar a ela sobre si mesmo.

– Era o quarto do meu avô. Minha avó decorava quase todas as outras salas, mas este era seu domínio. Ela não era permitida aqui. Não para decorar, de qualquer maneira.– Os olhos de Grant brilharam na memória de seus avós.

Alguma coisa a preocupava, presa no fundo de sua mente. – O que faz você ter certeza de que seu médico não vai sentir a necessidade de relatar meus ferimentos?–

– Para começar, ele conhece meus segredos, meus mais profundos, mais escuros, mais condenáveis .. –

Desejava conhecer seus segredos. Desejava saber mais sobre ele.



– Ele nunca me traiu. Conhecia meu avô.— Ele a dissecou com um olhar penetrante. – Quer me dizer o que você está escondendo? Ou talvez de quem você está se escondendo?—

Grant observou Chelsea mordendo o lábio, preocupando-o com os dentes brancos perfeitos, dando-lhe visões de que ela o beliscava, aqueles dentes raspando a carne de seu peito enquanto ela abaixava a cabeça.

Droga. Droga. Droga.

Ele precisava descarrilar esse trem de luxúria agora. – Que tal nós dois compartilhar?— Ela ofereceu.

Ele lutou contra o sorriso que ameaçava entrar em erupção em seus métodos de barganha. Ela não sabia que ele era o último que a machucaria com conhecimento? – Alavancagem? É isso que você está procurando?—

Sua expressão transmitia a batalha interna com a qual ela estava lutando. Ela estava claramente dividida entre dizer a ele e não dizer a ele.

– Eu estou ficando longe de um ex-namorado.—

Ele assentiu, com um olhar pensativo no rosto. – Você está indo aos extremos para fazê-lo.—

Ela encolheu os ombros. – Ele não é um cara legal.— Um estremecimento percorreu seu corpo. Ela puxou as pernas para cima, enfiando os joelhos sob o queixo para não mostrar seu medo.

– Há mais.— disse Grant. – Não há?—

Chelsea suspirou. Lágrimas brilhavam em seus olhos, capturando e refletindo as chamas do fogo.

– Ele costumava me bater.—



Grant fechou os olhos para mascarar a raiva que estava se formando profundamente. Ele não tinha simpatia pelos homens que machucavam as mulheres.

– Então você fugiu?– Certamente a lei poderia ter ajudado ela?–

– Sim, mas ... foi auto-defesa.– As palavras foram ditas devagar. Ela fechou os olhos como se estivesse revivendo. Ela ficou quieta por tanto tempo que se perguntou se teria adormecido ou perdido a consciência.

Ele estendeu a mão para ela. Quando seus dedos tocaram sua bochecha, ela se encolheu.

– Desculpa. Eu não tinha certeza se você estava bem. Você está bem, querida. Você está bem.– Ele envolveu um braço em volta dela. Ela acariciou sua cabeça em seu pescoço. Pequenos sons de conforto que só seu urso poderia ter ouvido vieram dela.

– Eu esfaqueei ele.– Um soluço rasgou de sua garganta. – Eu não - eu não sou - eu não faço esse tipo de coisa.– Outro soluço.

Ele a apertou, fez sons baixos, suaves, zumbidos e murmurou palavras de conforto.

– Ele ia me matar. Então peguei uma faca. E a estendi. E eu ... eu o esfaqueei.–

– Ele morreu?– Ele inclinou sua cabeça para trás para estudar seus olhos escuros cheios de dor.

– Não.–

Certamente ela percebeu que era auto-defesa. – Você deveria ter ligado para a polícia. Imediatamente.–

– Ele é um policial. Em uma pequena cidade.–

O pavor esmagou a raiva dentro dele. Ele sabia como a polícia de pequena cidade poderia ser. Ele sabia tudo sobre o fechamento das fileiras.

– Então agora você está vivendo sob o radar. Por causa dele.–



– Eu sei que ele vai me matar se ele me encontrar. Ele tem uma cicatriz na bochecha desde aquela noite. A faca escorregou.–

Seu próximo suspiro foi mais como uma respiração irregular lutando e rastejou de dentro de seu corpo. Ele sentiu aquela luta enquanto ela se deitava contra seu peito. Ela ergueu a cabeça, os olhos nos dele, então seu olhar percorreu mais baixo, até os lábios, o queixo, de volta aos lábios.

– Se você continuar com isso, eu vou fazer algo que eu queria fazer por um longo tempo.– Ele sussurrou.

Chelsea segurou a respiração enquanto Grant abaixava a cabeça. Ela fechou os olhos para que pudesse saborear a sensação que sabia que estava chegando. Seus lábios tocaram os dela suavemente, pressionando sua plenitude em seus próprios lábios cheios. Um gemido suave, inesperado, começou no peito, entregando-se à sua boca.

Sentia-se como se voltasse para casa, de um modo sagrado e espiritual, que não seria capaz de colocar palavras se lhe fosse perguntado. Sua língua separou seus lábios, exigindo entrada, não tomando prisioneiros, salvo um - seu coração.

Cedendo os comandos que sua boca fazia sobre os dela, suas mãos se ergueram, dedos cavando em seu cabelo, puxando-o para mais perto, punindo seus lábios com os dele. Ela era sua presa, sua salvação, retribuição e redenção.

Ele enfiou a mão sob o cobertor e segurou seu seio pelo sutiã.

Seu mamilo estava duro, um botão de ponta de crista implorando para ser tocado. Ele passou o polegar sobre ele e mesmo com o tecido do sutiã entre eles, suas respostas foram desinibidas. Seu urso cheirou o cheiro de sua excitação, fazendo seu pau se contrair e engorge, pressionando contra seu quadril.

Ele ergueu a cabeça.



Uma respiração profunda escapou dela. – O que há de errado?– Sua voz era um sussurro. – Sou eu? Você não ...–

– Você? A única coisa que você é é a perfeição. Mas alguém está se aproximando.– Seu urso estava em atenção, mas não completamente preocupado. Ele identificou a batida do coração que se aproximava.

– Como você sabe? Eu não ouvi nada.– Ela o estudou, como se duvidasse de quão perfeito ele pensava que era.

– Boa audição.–

– Você ainda me deve ...– disse ela. – Um segredo.–

– Não é segredo que eu quero você.–



Capítulo 15

Chelsea ofegou. Um rubor percorreu seu curso, humilhando-a enquanto a aquecia seu rosto e peito. Não era verdade. Não podia ser. Não havia nenhuma maneira este homem queria ela.

Então ela se lembrou. – Não. O segredo que você deveria trocar comigo. Meu para o seu.–

– Eu lembro.–

Uma batida suave na porta da biblioteca chamou sua atenção. Um homem tão grande quanto Grant, com a mesma imponência de um comportamento e com um olhar gentil em seu rosto, estava na entrada do quarto.

– Joe me deixou entrar. Grant, o que você tem feito?– O sorriso no rosto do homem era genuíno, preocupado e levemente divertido, como se ele estivesse acostumado com as brincadeiras de Grant.

Grant desembaraçou-se de seu abraço, um olhar de tristeza ao fazê-lo em seu rosto. Chelsea definitivamente poderia se identificar com esse sentimento desamparado. Não estar em seus braços deixou sua sensação sozinha e vazia.

– Doc.– Um sorriso de boas-vindas passou pelas feições de Grant.
– Este é o meu médico, Chelsea. Doc Evans.–

Grant atravessou a sala, com as pernas longas dando passos rápidos. Ela observou seu traseiro enquanto caminhava, pensou no que seria vê-lo sem roupas. Seu pulso acelerou, sua respiração se tornou superficial. Ela esperava que ela ficasse sob controle antes que o médico a examinasse.

O homem apertou a mão de Grant, então se dirigiu ao sofá. Uma mulher sobre a idade de Chelsea seguiu-o dentro.



– Astra.– disse Grant, dando um abraço à outra mulher. – Chelsea, conheça Astra, a filha do Doc Evans.–

Astra lançou uma rápida onda para o Chelsea, dando-lhe um sorriso, depois deu um forte abraço a Grant. – Como está o meu favorito ...–

Parece que Grant a cortou. – Não sou eu quem está ferido. É a Chelsea.–

Chelsea perguntou-se que tipo de favorito ele era. Então ela se castigou. Ela não tinha o direito de perguntar nada. Não era como se fossem um item. Na verdade, se alguém tivesse reivindicações sobre Grant, provavelmente era Mae.

Astra e Doc Evans se aproximaram. – Astra vem me ajudar às vezes.– Ele sorriu para Astra. – Seguindo os passos de seu padrasto.– Ele colocou um braço em volta da beleza de cabelos grisalhos.

– Um pouco, papai.– disse Astra. – Não estou interessada em tratar o mesmo ...– Grant tossiu duas vezes.

Astra parou, dando-lhe um olhar. Chelsea sentiu como uma terceira roda. Eles não estavam deixando-a entrar na piada, ou segredo, ou o que quer que fosse.

Dentro de si, amassou a idéia de que não podia fazer parte disso. Ela tinha vindo a amar esta comunidade. Ela gostava da tranquilidade das montanhas e canyons. Ela tinha vindo a se importar com Grant e Mae e alguns dos outros moradores.

Outra batida na porta. Mae entrou, com o rosto iluminado quando os viu. – Você está bem?– Ela correu para Chelsea com uma expressão preocupada. – Você me deixou tão preocupada.– Ela se virou para Grant. – Era Jeff?–

Grant encolheu os ombros. – Ela não se lembra.– Um brilho no fundo de seus olhos fez Chelsea se perguntar o quanto ele acreditava nela. Não importava.



Ela o estudou, como Mae estava ao seu lado. O modo confortável de interagir.

Mulher tola que sou, ela se repreendeu. Ela sabia que ele deveria estar com a Mae. Sabia que Mae era mais certa para ele, com sua coloração vivaz e caráter animado. Podia ver que Mae se importava com ele e que ele se importava com ela.

Ela sentiu uma vergonha ardente pelas coisas que tinha feito com ele.

Ela sentia raiva dele por fazer aquelas coisas, quando claramente ele e Mae ...

Talvez esse fosse o segredo que ele estava segurando. O que ele não queria revelar a ela. Que ele gostava da Mae.

Talvez o que ele tinha por Chelsea fosse uma luxúria temporária. Então ocorreu a ela. Bateu como uma bofetada no rosto.

Ele ligou para a Mae. Do telefone dele. Ele tinha dado um soco no número. Um número que ele sabia de cor. E não teria Mae dito que não poderia dar a Chelsea seu número mais cedo naquele dia para que o Chelsea pudesse chamar e cancelar? Então Mae mentiu quando disse que não tinha?

Chelsea estava tão confusa. Ele a queria ou Mae? Não importava. Ela precisava fazer o que era certo para Mae. Mae cuidara bem dela enquanto ela estava aqui. Ela devia isso a ela.

A vergonha encheu Chelsea por ter cedido a suas paixões. A raiva também a encheu por Grant estar fazendo isso com ela quando Mae claramente se importava com ele. Ela aceitaria sua ajuda. Ela seria educada e cordial, se recuperaria, e então teria que deixar a cidade. Amanhã de manhã. Por mais que tivesse crescido para amar Bear Canyon Valley, ela não poderia sentar e assistir Mae e Grant viver o seu felizes para sempre. Não que ela não adorasse Mae. Ela fez. E ela queria que ela fosse feliz. Mas ...

Não. Com. Grant.



Capítulo 16

Grant esperou pacientemente enquanto Doc fechava a mala. Ele sabia por experiência que Doc não iria dizer nada até que ele estava bem e pronto, mas a paciência de Grant estava correndo fina. – Bem?– Ele tentou manter o aborrecimento de sua voz. Realmente, ele fez. – Como ela está?–

– Só uma batida ruim. Nenhuma concussão. Precisa de um pouco de descanso. Isso é tudo.–

Grant soltou um suspiro de alívio. Agora, se ele pudesse descobrir o que havia de errado com o Chelsea. Ela havia mudado na última meia hora. De repente ela não estabeleceria contato visual com ele. Suas respostas foram curtas, e quando ele se sentou ao lado dela, ela se afastou.

Mae lhe deu uma olhada, perguntando: – O que há?–

Ele encolheu os ombros. Este não era a mesma Chelsea com quem estivera na caverna. Assim que conseguisse tirar os outros daqui, conversariam. Ele lhe falaria sobre a mudança, o estilo de vida, e ele pediria que ela fosse sua.

Grant se encontrou batendo os dedos em suas coxas, desejando que todos fossem para a estrada. Em vez disso, Doc Evans e Mae estavam falando sobre o tempo, e Astra estava pedindo conselhos a Chelsea. Encontrou-se gastando mais tempo tentando controlar a frustração de seu urso, e menos tempo se concentrando na sua própria.

Finalmente, Doc Evans deu um passo na direção da porta, olhando para Astra. – Pronto? Ou você tem mais coisas de cabelo para falar? –

– Eu vou ver você em breve.– disse Astra a Chelsea.



– Estou ansiosa para isso.– Chelsea sorriu para Astra. Então ela pegou Grant olhando para ela. O sorriso desapareceu, e ela lançou o olhar para longe.

– Obrigado, Grant.– Mae deu-lhe um abraço e foi para a porta.

Chelsea levantou-se. – Mae, posso ir com você?–

– Embora?– Mae olhou para Grant.

Olhou para Chelsea e depois para Mae. Por que diabos o Chelsea iria embora? Ele fez uma pausa, sem saber o que dizer. – Você não deveria ficar e descansar?– Foi o melhor que ele conseguiu.

Chelsea olhou para baixo. Torcendo as mãos, ela continuou: – Acho que posso descansar em casa. Já fiquei o suficiente.–

– Acho que você precisa apresentar um relatório– , disse Astra.

Chelsea ofegou. Sua cabeça levantou-se, sua expressão alarmada.

– Não.– a voz de Grant era firme. – Eu fiz uma promessa.– Ele se aproximou do Chelsea. – Eu prometi a ela que eu traria Doc Evans aqui porque ela não quer a atenção que as autoridades lhe dariam.–

– Por favor.– A voz de Chelsea era pequena. – Gostaria de ir para casa.–

Onde estava a mulher por quem ele se apaixonara? A mulher espirituosa, atrevida, sexy? Agora ela estava derrotada. Como se ela tivesse desistido.

Desistido do que? Dele? O que ela pudesse evitar se ela saísse com ele?

Chelsea se inclinou no carro de Mae. Do lado de fora do carro, um cobertor de brancura cobria as árvores e a beira da estrada. Ela se sentia entorpecida, não sabia o que dizer. Ela trouxe isso para si mesma. Ela criou um aborrecimento com Jeff, um dos clientes da Mae. Ela tinha violado o relacionamento de Mae com Grant. Dizer que estava



arrependida parecia tão coxo agora. A melhor coisa que podia fazer era arrumar o carro e sair do vale na primeira coisa de manhã.

Mae tomou as curvas e se voltou lentamente, mantendo uma velocidade segura, sem tirar os olhos do asfalto. Assim que começaram a atravessar um trecho reto da estrada, Mae olhou para Chelsea. – Era Jeff?–

Chelsea não queria mentir. Mas ela também não queria começar problemas para Mae.

– Não tenho certeza. Um minuto eu estava trancando a loja, no minuto seguinte eu estava deitada em uma vala. Só me lembro que Grant me encontrou e ...– Chelsea parou. A coisa do urso inteiro era bobo.

– E o que?–

– É bobagem. Acho que estava com alucinação. Que um urso estava lá, carregando-me.– Ela riu um riso oco. – Parvo, como eu disse.–

Mae olhou para ela de lado, não disse uma palavra.

– Enfim.– continuou Chelsea. – Eu queria dizer que sinto muito por incomodar a todos. Eu odeio que eu seja um incômodo. –

A voz de Mae era aguda. Ela riu. – Você não é incômodo. Você é como da família. Como uma irmã para mim.– Ela alcançou através do console, pôs uma mão no Chelsea e apertou. – Eu não poderia fazer nada menos por você.–

Lágrimas brotaram para os olhos de Chelsea. Sentia-se envergonhada. Aqui estava, horas depois de beijar ... e outras coisas! Coisas muito divertidas! - com Grant, de trair essa mulher com o homem que Mae amava. Agora ela se sentia uma merda. Esqueça sair de manhã. Ela partiria hoje. Ela mordeu as lágrimas para trás, recuperou a compostura.

Passaram pela estrada que se transformou na cidade, onde estavam o salão e o carro do Chelsea.



A cabeça do Chelsea se encaixou na direção da curva. Mae não ia levá-la ao seu carro? – Onde estamos indo?–

– Eu estou levando você para casa para descansar. Você está tirando o dia de folga. Se não todo o fim de semana.–

– Mas meu carro ...–

– Vou pedir para que alguém me ajude a trazê-lo mais tarde. Agora precisamos de descansar. –

– Você poderia me levar para o meu carro?–

– Você deveria estar dirigindo?– Mae colocou sua mão de volta em Chelsea.

– O doutor Evans não disse que eu não podia.–

Mae frenou ligeiramente. – Não tenho certeza. Talvez eu devesse ligar para o Doc Evans. Ou Grant.–

– Não. Não precisa ligar para ninguém. Por favor.–

Relutantemente, Mae virou o carro. – OK.–

Eles deveriam odiá-la por todos os problemas que ela lhes causou. Então Chelsea lembrou-se: ela não tinha sido capaz de iniciar o carro na noite passada. Se ela contasse a Mae agora, então ela saberia que Chelsea mentiu quando disse que não se lembrava de nada depois de trancar a porta.

Quinze minutos depois, elas estavam na cidade. O salão já estava aberto. O carro de Lana estava lá.

Lana estava sozinha? Chelsea olhou para Mae.

– Eu desbloqueei e pedi a ela para lidar com as coisas, enquanto eu vim para o lugar de Grant para verificar em você.– Mae sorriu. – Agora pare de se preocupar com tudo.–

Seu carro começaria agora?

Sem sorte. Não.

Mae estremeceu, abraçou-se. – Vou ligar para o Jerry.–



– Cabo de bateria fraca.– Jerry pronunciou, empurrando o cabelo longo de sua testa, deixando manchas de gordura e sujeira em seu rastro. – Tente agora.–

O carro do Chelsea começou imediatamente.

– Estranho como isso veio solto como aquele.– Jerry disse, acenando para as duas notas de vinte dolares que Chelsea tentou entregá-lo. – Sem pagamento. Amigo de um amigo e tudo isso.–

– Como sobre um comércio?– Chelsea sugeriu. – Um corte de cabelo ou dois em troca?–

– Quer uma troca?– Jerry riu, seu hálito fazendo sopros brancos no ar fresco.

– Nãooooo.– Chelsea sorriu, então instantaneamente se sentia mal. Ela não estaria lá para cortar o cabelo dele. Ela era uma perdedora, oferecendo-lhe cortes de cabelo sabendo muito bem que ela não planeja ficar por perto. Ela entrou no carro para ir para a casa de Mae para fazer as malas.

Mae se aproximou da porta do carro antes que o Chelsea pudesse fechá-la. – Eu irei te seguir.–

– Não. Eu já interrompi o suficiente. Está bem. Uma curta viagem de carro. Eu prometo que vou ficar bem. Eu vou descansar.– Por cinco minutos antes de escrever-lhe uma nota de agradecimento e sair.

Mae franziu o cenho, mas concordou.

A viagem foi curta e sem intercorrências. Chelsea confiou a casa à memória.

Ela olhou para ela, desejando lembrar-se de cada detalhe da casa de pedra de dois andares. Mae tinha dito a ela que ela estava morando lá há anos, que ela tinha compartilhado com seu marido. Ela era tão jovem para ser viúva, e sem filhos, também. Chelsea estava triste por ela, até que pensou em Grant, e como Grant daria a Mae todas as coisas



que ela precisava e queria. Então Chelsea estava triste por ela mesma porque ela nunca teria essas coisas.

Colocando o carro em marcha à ré, ela voltou para a entrada de automóveis para facilitar a carregar. Ela destrancou a porta da frente e subiu as escadas para seu quarto lentamente, sem vontade de correr para a triste tarefa de sair.

Ela abriu a porta do quarto.

– Não pensou que eu te deixaria ir tão facilmente, não é?–



Capítulo 17

– O que há com o Chelsea?– Doc Evans cruzou as pernas, confortável na grande biblioteca. – Você nunca traz pessoas de fora para sua casa.–

– Ela é a única, Doc.–

Doutor Jake Evans, carinhosamente conhecido como Doc, tinha sido amigo de Grant desde que eram ambos jovens. O avô de Grant tinha levado Jake e tinha praticamente levados os dois meninos como irmãos até que Grant decidiu que queria fugir de Bear Canyon Valley. Isso já fazia muito tempo. Então Grant voltara, cansado de fugir, para reivindicar sua posição legítima na cidade. Viver na casa de sua família.

– Eu me perguntava.– Doc sorriu. – Estou feliz por você ter finalmente encontrado alguém.–

Astra entrou na sala, uma caneca fumegante cheia de café na mão. – Quando você vai dizer a ela? Você sabe que ela tem o direito de saber.–

Doc sacudiu a cabeça. – Fácil de ver onde Astra está em toda a coisa shifter.–

Astra colocou a caneca sobre uma mesa, colocou as mãos nos quadris. – Eu enterrei minha mãe por causa de seu relacionamento com um shifter. Acho que os shifters devem ser com shifters. Os mortais devem ser deixados fora de suas vidas.–

– Sua mãe era minha alma gêmea.– A expressão de Doc ficou séria. Ele sacudiu sua cabeça.

Grant levantou-se, pôs o braço em volta de Astra. – Lamentamos muito que a vida de sua mãe tenha sido tomada prematuramente. Mas isso é ... Nós não temos muitos problemas com shifters inimigos. Não como fizemos no século passado.–



Ela sacudiu o braço de Grant. – Você ainda é meu shifter favorito. Bem atrás dele.– Ela apontou para Doc. – Eu sinto muito. Eu ainda tenho tanta raiva por perder a mamãe.– Ela pegou o copo e tomou um gole. – Você planeja fazer Chelsea sua companheira?–

– Se ela me aceitar. Se ela poder aceitar o urso.–

– Está claro que ela se importa com você. Eu peguei os olhares.– Doc disse. – Podemos planejar um casamento?–

– Não ponha a carroça diante do cavalo.– Grant sacudiu o dedo para ele. – Jeff não é bom. Sua história sobre não saber o que aconteceu com ela. Eu não sei o quanto isso é verdade ou se ela está tentando evitar um confronto, mas ele definitivamente a tirou do estacionamento. E ele me viu carregando-a - eu estava em forma de urso. Ele saiu da cena imediatamente.–

– O que você vai fazer?– Os olhos de Astra estavam arregalados. – Faça uma visita a ele.–

Grant estacionou na entrada da casa de Jeff, a mais opulenta do condado, ostentando os sucessos do corretor de imóveis. Seu carro estava lá, mas o outro veículo que ele usava não estava.

Um SUV azul meia noite. Desapareceu.

Grant se perguntou se isso era um indicador de qualquer coisa, embora enquanto Chelsea estivesse segura com Mae, onde Jeff não era importante.

Quando Grant se afastou da longa entrada de Jeff, a neve começou a cair mais rapidamente, em flocos maiores e mais pesados. Ele ligou para o celular de Mae. Quando ela respondeu, dispensou as sutilezas. – Como está Chelsea?–

– Ela estava bem quando eu a deixei. Disse que queria tirar uma soneca.–



– Deixou-a? Eu pensei que você ia ficar com ela.– No fundo, seu urso grunhiu em sua mente.

– Ela não queria que eu o fizesse. Eu não queria ser forte. Fechei a porta atrás de mim. Ela prometeu que iria deixá-la trancada, apenas disse que queria ficar sozinha. Ela começou a chorar, Grant. Sentia-se mal por me incomodar. E ela queria seu carro. Ela é uma mulher adulta. Eu não posso mantê-la de seu carro. Eu não posso fazer ela fazer o que eu quero que ela faça.– A voz de Mae soou como se ela estivesse chateada por ela ter decepcionado Grant.

Ele virou a caminhonete em direção à casa de Mae. – Eu vou para sua casa. Ligo-te quando chegar lá.–

Vinte momentos dolorosos mais tarde, ele puxou na garagem de Mae e deu um suspiro de alívio. O carro do Chelsea estava estacionado lá. Nenhum outro carro estava ao redor. Ele pulou de seu caminhão - o inferno com acordá-la para cima - e bateu os degraus da varanda da frente de Mae, quase tropeçando em uma cadeira que estava caída.

Ele levantou o punho para bater na porta. Pensando melhor, não querendo assustá-la, ele bateu nela suavemente com seus nós dos dedos. A porta rangeu aberta. Não estava trancada.

Não...

Não estava nem mesmo trancada.

Ele parou, escutando, concentrando-se. Ele não pegou sinais de vida. Nada. Seu urso não ouviu nenhum batimento cardíaco, nem respiração. Ele podia sentir o perfume de Jeff. Estava na casa.

Ele pegou o telefone e deu um soco de remarcação. Quando Mae respondeu, ele perguntou, tentando manter o pânico que sentia de invadir sua voz, – Qual é o quarto do Chelsea?–

– Primeiro, no topo da escada, à esquerda. Na outra extremidade.– Mae ofegou. – Porque perguntas? O que é?–

– O carro dela está aqui. Ela não está.–



– Eu estou no meu caminho.– Ela desligou o telefone antes que ele pudesse dizer a ela que ela não poderia ajudar, e que não era uma boa idéia para ela vir. Droga. Ela não podia ajudar. Ela ficaria no caminho, talvez até acabasse se machucando. Quem sabia que tipo de louco Jeff era?

Ele subiu as escadas e correu pela porta aberta no topo, à esquerda. A porta dela. O quarto estava vazio. Uma xícara de chá sentado na cômoda. Ele tocou a porcelana. Ainda quente. Não fazia muito tempo que ela estava lá. As gavetas da cômoda estavam abertas e vazias. O armário estava vazio também, sem roupas penduradas lá.

Grant saiu pela porta da frente, procurando pistas. Lá, mal visível no cobertor de neve que começara a sua descida: pneus grandes. Um SUV. Ele tinha certeza de que tinha que ser do Jeff.

Ele rugiu, mudando e começou a segui-lo, indo na direção dos trilhos, perdendo-os na estrada principal, mas sabia que não havia outra maneira de ir. Se Jeff tivesse tomado seu refém, ele não iria para uma área densamente povoada. Mais provável do que não, o homem tinha alguma propriedade em algum lugar na área. Ele a levaria lá. Um prédio abandonado ... Grant não sabia onde, mas sabia que não desistiria de procurar.

Ele manteve um ritmo rápido, permanecendo escondido pela linha de árvore, apenas fora da estrada, até que ele viu trilhas em um corte. Ele parou, estudou-os e limpou o cobertor de neve. Mesmo passo. Tinha que ser. Ele saiu depois das faixas, seguindo-os.

Lá estava.

O SUV. Parado. Estacionado no final da estrada. Grant não conseguiu se mover por um momento. A preocupação com Chelsea o paralisou. Ele sabia onde essa estrada levava, para o posto de vigia abandonado. Foi quando percebeu que a porta do lado do motorista estava aberta.



As orelhas afiadas de seu urso ouviram-no antes de vê-lo. O som de gotas metodicamente batendo no chão. Chegando na parte de trás do veículo, ele aproximou-se da porta com cautela.

No assento do motorista, Jeff, vestido com um terno impecável, estava esparramado.

Uma mão na roda, a outra a seu lado, mas pendendo do veículo, pingando sangue. A aparência imaculada do terno estava manchada por uma grande quantidade de sangue que se entrelaçava até a ponta dos dedos e depois caía no chão. O sangue estava se tornando sólido eo gotejamento retardado pela temperatura fria.

Grant se aproximou, cuidadoso, sem ter certeza do que encontraria, e se perguntou se o homem poderia estar vivo depois de perder todo esse sangue. Ele parou na frente da porta. Os olhos de Jeff estavam abertos, um olhar de surpresa e horror em seu rosto. Havia uma faca ao lado dele. Grant olhou para o morto.

Chelsea não poderia ter feito isso, poderia? Será que Jeff a atacou, e ela o matou em autodefesa? Onde ela estava agora? Seu urso assumiu, cheirou para ela, e encontrou seu cheiro facilmente. Encontrou outro perfume também, um macho. Alguém a encontrou? Era alguém que a ajudava, ou era um inimigo? Ele não reconheceu o perfume.

Grant saiu rápido, correndo entre as árvores, perseguindo seu cheiro. Ficou cada vez mais forte, permanecendo em um caminho principal, indo um pouco em direção ao posto abandonado. Este era o local? Quem mais saberia sobre o posto?

Grant desacelerou para obter seus rumos para o seu local. Sua respiração deixou pequenos sopros no ar frio. Foi quando ele os ouviu. Vozes. Um homem, um mulher. Chelsea. Quem estava com ela?

O homem estava escondido por um grande tronco de árvore.

Chelsea estava falando. – Não. Não sei do que ele estava falando.–



Grant apertou os dentes com quanto desalinhada ela aparecia. E como pálida estava. Claramente, esse babaca não estava cuidando dela. Havia um novo hematoma na bochecha, do mesmo lado da laceração da noite anterior. Seu urso rugiu profundamente dentro do cérebro de Grant, fazendo com que sua cabeça doesse. Ele lutou para recuperar o controle.

– Não minta para mim.– A voz do homem era um grunhido alto.
– Ele disse que você tem um namorado.– Uma mão estalou para fora por trás da árvore, e Chelsea virou e abaixou, evitando o balanço.

Grant agarrou o tronco da árvore. Ele ia matar esse homem, quem quer que fosse.

Ele segurou o urso nele para trás. Ele não sabia que arma o homem tinha apontada em Chelsea. Ele não podia dar luxo de a tirar de lá cortada ou ferida.

Chelsea estava falando de novo. – Jeff não sabe nada sobre mim. Nada mesmo. Ele me chamou pra sair. Isso é tudo o que há para saber.–

– Então, quem é esse Grant que ele mencionou?–

Chelsea fez uma pausa, ficou em silêncio por um momento. – Ele é um homem que conheço. Você não precisa se preocupar com isso. Não há motivo para machucá-lo também.–

– Eu lhe disse, não vou ter outros homens olhando para você. Jeff teve o que mereceu. Este companheiro de Grant também. Vou te colocar em algum lugar, então eu vou cuidar dele.– O homem saiu de trás da árvore.

Grant olhou bem para ele. Calças de ganga sujas, um casaco surrado, sem barba, e com uma cicatriz irritada que cruzava sua bochecha. Esse era o ex de Chelsea. De quem ela estava fugindo. Um policial. Provavelmente armado.

Neve e folhas triturando nas proximidades chamaram a atenção de Grant. Ele olhou através da clareira em que estavam para ver se o



homem ou Chelsea tinha notado, mas eles pareciam muito envolvidos em sua discussão.

Grant examinou a fonte do ruído. O que estava lá atrás? Então ele veio à vista. Ela entrou em vista.

Que diabos a Mae estava fazendo aqui? Que diabos ela achava que ela podia fazer?

Ela pioraria as coisas. Agora o idiota teria dois reféns.

Droga. Droga. Droga.

Chelsea e o homem ainda não tinham visto Mae. Grant tentou acená-la, sem se preocupar que fosse um urso porque já tinha visto seu urso antes, e tendo sido casada com um shifter, ela não era nenhuma estranha para a troca.

Ela não estava olhando em sua direção, e não o viu. Em vez disso, Mae aproximou-se mais do casal, uma espingarda na mão.

Ótimo. Isso piorou. Ela provavelmente seria baleada.

O homem virou-se para Chelsea, agarrou-a e empurrou-a na frente dele, então gritou- – Ponha a espingarda para baixo, e pise-a.–

Merda. Ele tinha visto Mae.

– Mae.– A voz de Chelsea tremeu, lágrimas óbvias. – Oh, Mae.– Chelsea tinha baixado a voz, mas seu urso ainda ouviu.– Por que você veio aqui?–

– Eu tive que ter certeza que você estava bem.– Mae pôs a arma para baixo e se desviou, bloqueando os olhos com o homem. – Quem é você?–

– Este é Derek. Mae, meu namorado.– O Chelsea estava apresentando-os como se estivessem em um evento social, não como se ele fosse um assassino que tinha esfaqueado e matado Jeff e estava segurando seu refém sob a mira de uma arma.



Derek indicou a espingarda. – Vá pegar isso, Chelsea, e traga para mim. Não tente nada, ou vou ter que abrir um buraco na sua amiga Mae aqui.–

– Pare. Vou pegar. Não a machuque.– Chelsea pisou na espingarda, pegou-a e levou-a para Derek.

Derek verificou. – Carregada, hein?– Ele sorriu um sorriso maligno. – Você não é a corajosa senhorita?–

Um sorriso sarcástico cruzou o rosto de Mae. Grant se perguntou se ela sabia que ele estava assistindo. Uma parte dele estava feliz por estar ali. Ele não queria correr o risco de assustar a Chelsea com seu urso.

Ele pisou por trás da árvore e do arbusto que lhe deram um esconderijo. Ele ergueu-se em duas pernas, jogou a cabeça para trás e soltou um rugido de pura raiva.

Chelsea gritou.

– Que merda!– Derek levantou a arma.

– Não!– gritou Mae.

Grant fechou a distância rapidamente, seu urso vendo vermelho. Ele tinha toda a intenção de não matar Derek, mas não podia dizer o mesmo para seu urso. Especialmente quando Derek puxou o gatilho. A rodada agarrou Grant em sua parte superior do tronco, rasgando em seu ombro. Ele não deixou que isso afetasse seu ímpeto.

Ele ergueu sua garra, golpeando Derek, pegando-o através da garganta. Sangue jorrou.

No mesmo momento, Derek puxou o gatilho novamente, dando outro round em Grant, então o homem desmoronou.

Grant caiu sobre Derek, esmagando-o antes que ele rolasse.



Capítulo 18

Chelsea olhou fixamente para o urso que tinha atacado Derek. Enorme, peludo, ainda deitado. Derek estava sangrando de seu pescoço e deitado muito, muito quieto. Não havia nenhuma maneira que ele tinha vivido com esse ataque. Não podia dizer que estava chateada. Isso significava que o pesadelo de correr estava acabado? Ela recuou, com medo de que o urso ainda estivesse vivo e atacá-la.

Mae estava chorando, alcançando o urso, e continuou repetindo o nome de Grant.

Chelsea agarrou o ombro de Mae. – Vamos. – Se o animal enorme chegasse, mataria os dois com um único golpe. – Grant não está aqui. Vamos. Agora. Antes dele acordar. Depressa. – ela sibilou.

Mae deu de ombros. – Não. Você não entendeu? Não posso deixá-lo. Eu não vou. Você não sabe? –

Uma parte do Chelsea sabia. Uma memória estava voltando. Sendo levada...

Mas ela não queria ... não, isso não podia ser. Mas sua memória dizia que era verdade.

Sentou-se ao lado de Mae, enterrou a cabeça entre as mãos e esfregou as têmporas.

Mae estava falando com o urso, suplicando. – Por favor, Grant. Você sabe que não pode morrer. Não funciona assim. –

– Mulher. Você está me matando. Pare com a sufocação. E o que diabos você estava fazendo? –

A voz de Grant?

A cabeça do Chelsea se ergueu. Era ele. Seu ombro estava sangrento, uma bagunça de carne, rasgada, mas não tão ruim quanto



... Era possível que não fosse tão ruim quanto havia sido há alguns segundos? Como poderia ser?

Ele curou rápido. Isso estava relacionado com o urso? Não conseguia arrancar os olhos da ferida. – Você ...–

– Agora você sabe o meu segredo.– Sua voz era um gemido. Um pequeno sorriso, temperado com dor, tocou em seus lábios.

– Eu estava começando a me perguntar se eu sabia. Estou me lembrando daquela noite. E eu não acho que foi uma alucinação.–

Ele balançou sua cabeça. – Não foi.– Ele gemeu de dor.

Mae pôs a mão no ombro de Grant. – Você me teve tão preocupada.–

– E o que você estava pensando, saindo aqui como um maldito vigilante?– Ele pôs a mão em Mae.

Tudo desmoronou em Chelsea.

Grant e Mae.

Ela se levantou, esfregou as mãos. – Eu ...– O que diabos ela ia dizer? Ela não podia sair. Ela não tinha carro. Ela não tinha como chegar ao carro dela. Jeff estava morto em seu SUV. Ela teria que ficar enquanto chamavam a polícia. Pelo menos, ela não teria de fugir mais de Derek, mas ela teria que lidar com evitar esses dois enquanto tudo terminasse. Mais correndo, parece.

– Chelsea.– Grant levantou-se, estremecendo quando ele rolou seu ombro. – Espere.–

– Eu sinto muito.– Chelsea balançou a cabeça. – Eu nunca quis vir entre vocês dois. Sinto-me tão culpada. Eu estava confusa. O que aconteceu ... isso não deveria ter acontecido.–

– Chelsea.– Grant começou novamente. – Por favor, espere.–

Chelsea virou-se para Mae. – Eu sinto muito. Eu não quis fazer nada para machucar você. Eu não estava planejando isso.–



– Eu acho que há um mal-entendido.– Mae olhou de Grant para Chelsea. – Chelsea, Grant é mais parecido com meu sobrinho.–

Chelsea riu sem graça. A dor de tudo estava picado muito profundamente, penetrando o choque de eventos das últimas horas. – Ele também ... você também ... não, ele não é. Você tem mais ou menos a mesma idade.– Mae estava tentando fazê-la se sentir melhor?

– Mae estava casada com meu primo de segundo grau.– acrescentou Grant.

– E isso significa ...?– O Chelsea não queria aumentar suas esperanças.

– Significa que você é a única que eu quero.– Grant a puxou para perto dele.

Chelsea estremeceu, mas ignorou o frio. Ela olhou para o sangue em sua camisa.

Ela não podia processar o que ele tinha acabado de dizer. Não queria se afundar completamente, então ela fez o que sempre fazia: ela optou por um desvio prático com uma pergunta. – Você não precisa consultar um médico?–

– Não. Eu não preciso. Embora eu vá ver Doc Evans em breve, apenas para ter certeza.– Ele rolou seu ombro.

Ela podia ver que sob o tecido rasgado a pele estava começando a curar, deixando para trás a bagunça sangrenta de sua camisa, mas pelo menos sua carne estava emendando.

Ela balançou a cabeça, tentando envolver sua mente em torno disso. Ao mesmo tempo, ela se lembrava da outra noite, quando tinha sido ferida e drogada, a pele, o calor, a ternura de estar no abraço do urso enquanto ele a levava para a caverna. – Você se tornou um urso.–

Ele tocou sua testa com seus lábios, um beijo terno. – Meu tipo faz isso.– ele sussurrou em seu ouvido.



Mae os observava, sem dizer uma palavra, exceto que havia um grande sorriso em seu rosto, como se tivesse acabado de receber um ótimo presente de aniversário.

Chelsea estava começando a entender a natureza da amizade de Mae e Grant.

E, ao mesmo tempo, sentia-se tola por ter pensado de forma diferente. Um calor lento, desimpedido pela frieza do dia, lavou sobre ela.

– E seu primo, que era casado com Mae? A mesma coisa?–

Mae limpou a garganta e balançou o braço como se quisesse indicar Derek e a situação, trazendo-os de volta ao presente.

Grant acenou com a cabeça. – Precisamos cuidar de tudo isso.–

– Deixe-me lidar com isso.– Mae disse. – Eu posso fazer tudo ir embora. Eu preciso de vocês dois indo. Rapidamente. E você vai chamar o Doc para o seu ombro.–

Quando Grant abriu a boca para protestar, ela levantou a mão, um comando em seu gesto, sem discutir.

Os olhos de Grant se fecharam ligeiramente, como se ele duvidava dela.

– O que você quer dizer?– Chelsea estava ficando mais confusa com cada momento.

Mae jogou Grant um conjunto de chaves. – Tire-a daqui enquanto cuido de tudo isso. Mande Joe me pegar. Vou chamar um amigo para me ajudar com alguma da logística. Estou estacionada perto do SUV.–

Grant arrancou as chaves do ar, depois colocou seu braço inofensivo em torno de Chelsea. – Estaremos em casa.–



Capítulo 19

Em seu salão principal da casa, Grant tirou a camisa e olhou para a ferida no espelho. Estava completamente curada.

Chelsea arregalou os olhos. – Eu não posso acreditar.– Ela balançou a cabeça. – Assim, você está curado.–

Grant acenou com a cabeça. Ainda o espantava, especialmente porque não era muitas vezes que ele era baleado ou ferido a este grau. Seus dias de conflito haviam terminado há alguns anos e, ultimamente, ele se instalara bem no chefe do clã, um líder silencioso e sem drama, que não tolera intrusos em seu território e nenhum problema que atraia a atenção dos humanos.

– Então, isso significa que você está ... isso significa que você não morre?–

– Não. Posso morrer. Mas não desse tipo de coisa. É mais sobre me separar do meu urso. Isso faria com que eu me tornasse um ...– Ele odiava usar a palavra. Ele odiava que soasse como se estivesse minimizando. – Isso me faria mais humano. Então eu viveria uma vida humana e eu seria morto por coisas que matam seres humanos.–

Um olhar confuso cruzou o rosto de Chelsea.

Ele a pegou pela mão e levou-a para fora do corredor para a biblioteca, em frente à grande mesa. – Eu não sou imortal. Mas o nosso tipo tem longevidade. Longas e longas vidas. E nós não morremos a menos que estivéssemos separados de nossos espíritos de urso.–

Ela suspirou. – Eu não tenho que entender.– Seu olhar percorreu seu peito, e um desejo iluminou na parte de trás de seus olhos.

Ele perfumou sua excitação, e despertou tanto o urso como o homem nele. A adrenalina de ser ferido e ter que salvar a mulher que ele queria como sua companheira aumentou sua pulsão sexual. Em



suas calças, sentiu seu pênis se esforçando, empurrando, desejando-a. Querendo-a possuir, possuir, tomar e marcar-se profundamente dentro dela.

– Você quer ...?– Ele ia perguntar se ela queria entendê-lo, se importava, se ela se importava o suficiente que ela gostaria de saber, mas como ele faria isso? Como ele poderia mostrar a esta mulher o quanto ela tinha vindo a significar para ele quando ele não tinha certeza se ela estava tão profunda como ele estava?

Chelsea inclinou a cabeça para o lado, um brilho em seus olhos. – Eu quero.–

Uma pequena carranca cruzou a testa de Grant. – Você quer o quê?–

– Eu quero.– Ela colocou uma mão em seu estômago, então seus dedos arrastaram seu caminho acima por cima de seu peito, vagando através da pitada de cabelo, para cima, sobre, em seu ombro não ferido, e então em volta de seu pescoço. Ela se aproximou de seu hemisfério, seus olhos brilhantes, trancados no dele, suas bochechas coradas pelo calor da lareira que Joe começara na biblioteca antes de deixá-los sozinhos.

Sem tirar os olhos dela, ele pegou a parte de cima dela, pegou-a pela bainha e levantou-a sobre a cabeça. Sua pele tomou o brilho das chamas, sua justiça aumentada. Seu sutiã era de corte baixo, deixando as metades superiores de seus seios cremosos expostos para seu prazer visual. Uma pequena varredura de sardas fez seu caminho através de seu peito, dissipando o inchaço de seus seios. Seu peito se movia com cada respiração, como se estivesse oferecendo seu corpo para ele.

– Chelsea.– Sua voz era um ronronar que vinha profundamente dentro, parte seu, parte seu urso.

Ele a pegou e colocou-a sobre a mesa, depois estendeu a mão para ela, tirou seu sutiã e puxou-o, colocando seus seios livres, seus mamilos em atenção, rosa escuro, esperando por seu toque e seus



beijos doces. Ele abaixou a cabeça, soprou um fôlego em um, observando-o franzir e endurecer.

Chelsea ofegou, jogou a cabeça para trás, as pernas se espalhando, provavelmente inconsciente da imagem excitante que ela fez. Certamente não estava ciente das profundezas a que seus anseios corriam.

Grant pegou seu mamilo na boca, puxando-o para dentro, sugando-o, deixando que seus dentes o roçassem enquanto gemia e cavava seus dedos em seu couro cabeludo. Suas unhas mordem em sua carne. Ele estendeu a mão para seu outro peito, pesou sua plenitude em sua mão, apertando-a enquanto seu dedo e polegar arrancou e rolou sua dureza fazendo Chelsea se contorcer sobre a mesa.

Seus gemidos o levavam a um lugar do qual não poderia voltar. Ele não tinha certeza se poderia fazer o que tinha feito na caverna e não enchê-la. Seu corpo ansiava por ter a sua mancha envolta em torno de seu eixo, ordenhando sua luxúria, derramando dela sobre ele.

Enquanto a boca dele puxava seu mamilo, sua mão desceu, desabotoou e desabotoou suas calças, e puxou-as sobre seus quadris. Ela levantou a bunda, e ele os deslizou. Seu aroma aumentou, acendendo seus sentidos com a essência de seu sabor, empurrando todas as inibições de lado. Gentileza seja condenada. Ele afastou as pernas, baixou a cabeça em seu remendo recortado e inalou-a, tomando seu cheiro, enchendo seus pulmões com tudo o que ela tinha.



UM MÊS DEPOIS

Chelsea olhou para cima quando ouviu a porta se abrir, mas ela não precisou olhar para cima para saber quem era. A mancha no pescoço, onde Grant a tinha marcado durante o vínculo de ligação, formigava sempre que ele estava por perto, uma sensação sutil que lembrava que ela pertencia a ele, e ele pertencia a ela.

Grant abriu aquele sorriso - o único que ele reservou para ela, como se não houvesse mais ninguém na palavra.

Seu estômago fazia uma daquelas coisas que sempre fazia quando estava por perto, como se os feijões saltadores estivessem exagerando. Ela esperava que a sensação nunca desaparecesse.

Ela tinha se mudado da casa de Mae para a casa de Grant menos de uma semana depois da morte de Jeff.

Seu assassinato tinha passado – sem solução– . Não havia nada nas notícias sobre Derek.

Quando o Chelsea trouxe a Grant uma vez, ele disse que não sabia, e não queria saber. Que Mae cuidou disso.

Agora o Chelsea entendeu a natureza de sua amizade. Eles se conheciam há muito tempo. Ele era mais como um sobrinho, como Mae tinha explicado.

Chelsea era a última na loja. Ela disse a Mae que ela trancaria quando Grant viesse buscá-la. Ela tinha mantido seu trabalho no salão porque ela não podia imaginar uma vida de ociosidade, e Mae acabou por ser uma maravilhosa amiga, ainda mais maravilhosa do que Chelsea tinha esperado. Ela era a irmã mais velha que o Chelsea sempre quis.



Chelsea praticamente correu para a porta da frente para cumprimentar seu urso. Ela abraçou Grant, inclinou-se para beijá-lo. Sua boca reivindicou a dela enquanto a marca de ligação queimava com renovado fervor e calor acumulado entre suas pernas.

– Mae disse alguma coisa?– Acho que poderia dizer que gerou uma pergunta. Ela olhou para ele com um brilho nos olhos, pegou a mão dele e o levou até a porta. Escorregaram para fora e a porta trancou atrás deles.

Grant contornou suas mãos ao longo de seus lados, seus polegares acariciando os lados de seus seios. Um arrepio de pura paixão percorreu-a.

Ela riu, e olhou ao redor para ver se algum dos moradores locais estava fora depois de escurecer, se eles fossem pegos fazendo isso na calçada. A costa estava limpa. – Ela disse que você era mais como um sobrinho para ela.–

– Sobrinho.– Grant riu. – Ela tem muitos sobrinhos.–

O sorriso misterioso em seu rosto deixou Chelsea curiosa. – O que você não está me dizendo?– Ela deu a ele um olhar irado. – Segredos já?–

– Nunca.– Ele colocou seus lábios nos dela. – Nunca segredos, nunca mais.– Sua língua assumiu o controle, e ela se rendeu a sua assertividade, saboreando sua masculinidade.

– O companheiro de Mae era o chefe do nosso clã. Ela gosta de ajudar qualquer um de nós, sempre que precisamos dela.–

– Seu companheiro era ... se seu companheiro era o chefe ... quem é agora?–

Ele colocou um dedo no meio do peito largo. – Eu lido com as coisas agora, quando elas precisam ser tratadas.–

Ela pulou quando ouviu um passo, balançando a cabeça para olhar para trás. – Mae. O que há de errado?– Por que Mae estava de volta?



– Nada. Na verdade não.– A mulher vivaz sorriu para Chelsea, puxou seu casaco mais apertado ao redor de seu corpo, então virou-se para Grant. – Tenho um sobrinho que vai passar por aqui.–

Grant não disse uma palavra. Ele arqueou uma sobrancelha e manteve os olhos em Mae, esperando que ela terminasse seu pensamento.

– Ele vai precisar de um lugar para ficar, um pouco de privacidade, se possível.–

– Ele pode ficar em uma de nossas cabanas. Existem várias vazias.– Grant olhou para Chelsea como se tivesse certeza de que não se importava.

Claro que não. Ela concordou com a cabeça.

– Eu estava esperando que você diria isso.– Mae disse com um suspiro. Um homem saiu das sombras.

Alto, musculoso, bonito.

Chelsea ofegou enquanto se aproximava.

Havia sangue seco em seu lábio e em um corte em sua sobrancelha. Um corte curado.

Seu rosto parecia estar em uma briga de bar. E perdido.

O homem deu um sorriso tímido, encolheu os ombros. – Uma briga.– Sua voz era um barulho baixo. – Nada de grande.–

Chelsea soube imediatamente que não era um homem comum. Ele era um dos tipos de Grant.

– Este é Kane.– Mae pôs sua mão no ombro do homem.

– Obrigado por me dar um lugar para ficar.– disse Kane.

Grant acenou com a cabeça. – Qualquer sobrinho de Mae é bem-vindo.–



Chelsea se aconchegou mais perto de seu urso. Finalmente ela estava em casa. Tomando a mão de Grant, ela se perguntou se Kane ficaria o suficiente para assistir ao casamento.

– Vamos gostar da companhia.– disse Chelsea, e sorriu para o recém-chegado.

Fim





Blog: <http://portale-books.blogspot.com.br>

Página no Facebook: <https://www.facebook.com/portalebooks>

Visite-nos!

